

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

VITÓRIA MARCELLE LIMA GUIMARÃES

**VIVER A PRAÇA, IMAGINAR A CIDADE: UMA ANÁLISE DOS USOS DAS
PRAÇAS PÚBLICAS DE VIÇOSA – MG**

**VIÇOSA – MG
DEZEMBRO DE 2023**

VITÓRIA MARCELLE LIMA GUIMARÃES

**VIVER A PRAÇA, IMAGINAR A CIDADE: UMA ANÁLISE DOS USOS DAS
PRAÇAS PÚBLICAS DE VIÇOSA – MG**

Monografia apresentada ao curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo José Oliveira (DCS/UFV)

Coorientador: João Pedro Paixão (Doutorando - PPGAU/UFV)

**VIÇOSA – MG
DEZEMBRO DE 2023**

VITÓRIA MARCELLE LIMA GUIMARÃES

**VIVER A PRAÇA, IMAGINAR A CIDADE: UMA ANÁLISE DOS USOS DAS
PRAÇAS PÚBLICAS DE VIÇOSA – MG**

Monografia apresentada ao curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Viçosa, 13, de dezembro de 2023.

Marcelo José Oliveira (DCS-UFV/Presidente)

João Pedro Paixão (PPGAU-UFV/Coorientador)

Marisa Barbosa Araújo (DCS-UFV)

Leonardo Civale (DGE-UFV)

AGRADECIMENTOS

Cheguei em Viçosa em março de 2018, a primeira vez morando fora e longe dos meus. Lembro do medo e da ansiedade pelo desconhecido, tanta coisa nova... Viçosa não foi minha casa de cara, mas aos poucos, muito em parte pelos afetos que vinha construindo, foi se tornando. Se transformou em um outro pedacinho de mim que ficava toda vez que eu precisava ir.

Finalizar essa etapa também é um exercício de deixar um pedaço de mim aqui, um amontoado das experiências entre quem eu era e quem eu sou hoje. Sou produto também daqueles que participaram dessa caminhada de quase seis anos, entre os que já estavam, os que vieram e os que permanecem.

Gratidão aos afetos que estiveram e estão comigo, que me lembram sempre que, como disse bell hooks, amor é verbo. daquelas que me acompanham há alguns anos, como Gabriela e Jéssica, agradeço por toda acolhida, compreensão e amizade. Vocês ressignificaram o que eu entendia por amizade há 8 anos, e é muito bom caminhar sabendo que existe um lugar para onde possamos retornar.

Daquelas que encontrei por Viçosa, como Shay, Tamires e Jeane, agradeço por todos os momentos de desabafos, reflexões, risadas e fofocas. Vocês tornaram a graduação mais leve. Vitória Maria, Mafê, Abraão e Layla, agradeço pelo encontro, companheirismo, acolhida, apoio e por permanecerem. É muito gratificante ser lembrada a cada passagem por uma praça. Dividir a vida com vocês é uma tempestade de esperança e afeto, obrigada por sempre acreditarem em mim.

Às minhas orientadoras de ICs, Daniela, Ana e Tati, obrigada pelas experiências e por terem me ensinado como trilhar o caminho da pesquisa. Esse trabalho jamais existiria sem o que aprendi com cada uma de vocês. Ao meu orientador, Marcelo, obrigada por ter comprado minhas ideias no início, me desafiar com o audiovisual e por confiar em mim. Ao meu coorientador, João, agradeço pelo fôlego que seus comentários me deram na reta final. Esse trabalho é um somatório daquilo que construímos juntos. Com vocês eu aprendi que ciência se faz em coletivo.

Aos espaços de convivência e às pessoas que encontrei por lá, que muitas vezes me salvaram: o movimento estudantil, o estágio na prefs, o esporte e a cidade de Viçosa. Obrigada por terem contribuído para que eu ficasse.

À minha família, em especial minha mãe, Sandra, e meu pai, Delmo, obrigada por todo o apoio, visitas e por terem aprendido a amar Viçosa junto comigo. Também sou aquilo que

aprendo com vocês, e estaria imensamente feliz se um dia me tornasse metade daquilo que vocês são. Ser cuidada por vocês, de perto e de longe, é privilégio e reza bonita.

Agradeço também aos meus interlocutores, que me acolheram e que tornaram essa pesquisa possível. Espero ter conseguido restituir algo com esse produto final.

Jamais poderia citar todos que contribuíram e me marcaram, diretamente ou indiretamente. Fico em dívida com aqueles que, no que me falha a memória, possa ter deixado de lembrar.

Me despeço de Viçosa e da graduação num misto de saudade, gratidão e esperança. Feliz pelas experiências, encontros e por ter encontrado minha companhia felina. Obrigada a vocês que estiveram nessa comigo, olhando pra beleza das coisas.

RESUMO

Percebendo que há uma relação dialética entre cidade e sociedade, onde a produção do espaço se dá através da articulação entre as dinâmicas dos agentes sociais e as dimensões físicas do espaço, a cidade se torna objeto e campo de pesquisa. Nesse processo, transformações no modo de vida urbano provocadas pela globalização e pelo avanço do capitalismo levaram a transformações nas formas com que os indivíduos se apropriam dos espaços da cidade, especialmente dos espaços públicos. Assim, a privatização dos espaços de lazer e convívio promoveram, em alguns locais, o esvaziamento e precarização dos espaços públicos, sobretudo das praças. Contudo, as praças públicas se inserem na cidade como um importante espaço de lazer, convívio, trabalho e produção de sociabilidades ao permitirem que seus usuários se sintam integrantes da vida coletiva e do cotidiano da vida urbana. Além disso, nesses espaços é possível estranhar-se com o “Outro” à medida em que nos colocamos em contato com a diversidade das formas de experienciar e habitar a cidade. Isto posto, através do enfoque etnográfico e da observação participante, investigamos e comparamos as formas com que os indivíduos utilizam de quatro praças situadas em Viçosa, Minas Gerais, distribuídas entre bairros de região periférica e central. Constatamos que atenção dada pelo poder público à conservação das praças influencia suas formas de uso, assim como os marcadores sociais da diferença determinam quando e como serão frequentadas. Além disso, as formas de sociabilidade são diferentes entre os bairros e a região central, demonstrando que, em Viçosa, temporalidades intimistas e impessoais dividem os espaços públicos de centro e periferia. Também utilizamos do vídeo como recurso narrativo, em um exercício de reforçar e recontar a memória coletiva que atravessa as praças públicas da cidade. Por fim, entendemos que o direito de se apropriar livremente de espaços públicos plurais e que atendam às especificidades de seu público constitui uma característica central do direito à cidade e à uma vida urbana plena, ausente nas praças da cidade em geral, e nas de bairro em especial.

PALAVRAS-CHAVE

Antropologia da cidade. Praças públicas. Direito à cidade. Desigualdades socioespaciais.

ABSTRACT

Realizing that there is a dialectical relationship between city and society, where the production of space occurs through the articulation between the dynamics of social agents and the physical dimensions of space, the city becomes an object and field of research. In this process, the transformations in the urban's way of life caused by globalization and the advance of capitalism led to transformations in the ways that people appropriate public spaces. Thus, the privatization of leisure and social spaces promoted, in some places, the emptying and precariousness of public spaces, especially in squares. However, public squares are part of the city as an important space for leisure, socializing, work and production of sociability by allowing their users to feel like members of collective life and the urban life. Moreover, in these spaces it is possible to get in touch with the "Other" as we put ourselves in contact with the diversity of ways of experiencing and inhabiting the city. Through an ethnographic approach and participant observation, we investigated and compared the ways in which individuals occupy four squares located in Viçosa, Minas Gerais, distributed between neighborhoods in the peripheral and central regions. We found that the attention given by public authorities to the conservation of squares influences their forms of use, just as social markers of difference determine when and how they will be frequented. Moreover, the forms of sociability are different between the peripheral and the central region, demonstrating that, in Viçosa, intimate and impersonal temporalities divide the public spaces of the center and periphery. We also used video as a narrative resource, in an exercise to strengthen and recount the collective memory that runs through the city's public squares. Finally, we understand that the right to freely appropriate plural public spaces and that meets the specificities of its public constitution is a central characteristic of the right to the city and a full urban life, out of city squares in general, and in neighborhood squares, in particular.

KEYWORDS

Anthropology of the city. Public squares. Right to the city. Socio-spatial inequalities.

LISTA DE IMAGENS E TABELAS

Imagem 1: Praça Silviano Brandão em 1949.....	24
Imagem 2: Matriz nova e velha.....	24
Imagem 3: Praça Silviano Brandão em 1970.....	25
Imagem 4: Praça Silviano Brandão durante festa de Santa Rita (maio/2023).....	26
Imagem 5: Praça Silviano Brandão ao final da tarde.....	29
Imagem 6: Praça Silviano Brandão durante o dia.....	30
Imagem 7: Igreja do Rosário em, aproximadamente, 1930.....	31
Imagem 8: Monumento Comemorativo do Centenário de Viçosa.....	31
Imagem 9: Memorial dos viçosenses enviados à Segunda Guerra Mundial enquanto combatentes da Força Expedicionária Brasileira.....	32
Imagem 10: Agradecimento aos 25 anos de Rotary Club em Viçosa.....	32
Imagem 11: Praça do Rosário em 2012.....	33
Imagem 12: Praça do Rosário durante a noite.....	35
Imagem 13: Praça do Rosário durante a noite.....	35
Imagem 14: Praça do Rosário durante o dia.....	36
Imagem 15: Construção da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário de Fátima (1975).....	37
Imagem 16: Vista frontal diurna da Praça do Bairro de Fátima.....	38
Imagem 17: Vista lateral noturna da praça, com maior concentração de pessoas em sua ponta direita.....	40
Imagem 18: Vista diurna da praça do Bairro de Fátima.....	42
Imagem 19: Igreja e pracinha do Amoras em 2017.....	43
Imagem 20: movimento da pracinha do Amoras durante a semana pela manhã.....	45
Imagem 21: movimento da pracinha do Amoras durante a semana pela manhã.....	45
Imagem 22: pracinha do Amoras durante o dia.....	47
Tabela 1: Caracterização das praças analisadas.....	50

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. OBJETIVOS.....	11
2.1 GERAL.....	12
2.2 ESPECÍFICOS.....	12
3. METODOLOGIA.....	12
3.1 UNIVERSO DE PESQUISA.....	13
3.2 FORMA DE COLETA DE DADOS.....	14
3.3 FORMA DE PRODUÇÃO AUDIOVISUAL.....	15
3.4 FORMA DE ANÁLISE DOS DADOS.....	16
4. REFERENCIAL TEÓRICO.....	16
4.1 A CIDADE, A SOCIEDADE E O ENCONTRO COM A DIFERENÇA.....	16
4.2 A CASA E A RUA NA CONSTRUÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS.....	18
4.3 A CIDADE, AS PRAÇAS E A VIDA PÚBLICA.....	20
5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS.....	22
5.1 A CIDADE DE VIÇOSA E SEU CONTEXTO HISTÓRICO.....	22
5.2 A “PRAÇA DA IGREJA”: PRAÇA SILVIANO BRANDÃO.....	23
5.3 A “PRAÇA DA ANTIGA PREFEITURA”: PRAÇA DO ROSÁRIO.....	30
5.4 A “PRAÇA DO BAIRRO DE FÁTIMA”: PRAÇA JOSÉ SANTANA.....	36
5.5 PRACINHA DO AMORAS.....	43
5.6 PRAÇAS “DE CENTRO” E PRAÇAS “DE BAIRRO”?.....	47
6. CONCLUSÕES.....	51
7. BIBLIOGRAFIA.....	53

1. INTRODUÇÃO

Considerando que o espaço da cidade é produzido por diversos agentes, alterações no modo de vida coletivo resultam em transformações nas configurações físicas e nas formas de se apropriar dos espaços urbanos. Se, antes, experienciar os espaços públicos era uma dimensão fundamental do cotidiano, tendo em vista sua função econômica, social, política e de lazer, com as mudanças no ritmo de vida provocadas pela globalização e transformações do capitalismo, a utilização dos espaços públicos se restringiu a grupos específicos e ocasiões especiais, principalmente nas metrópoles. Dessa forma, o ritmo de vida acelerado limitou a utilização desses espaços, sobretudo no que tange os usos ligados ao ócio, lazer e convívio (Xisto, 2017).

Benedet (2008) ainda destaca que devido à especialização do espaço urbano provocado pela urbanização capitalista, onde encontramos espaços da cidade destinados a atividades específicas e homogêneas, houve o deslocamento dos espaços de lazer para locais fechados. Nesse processo, é comum visualizar um descaso das instituições públicas responsáveis com os espaços públicos, principalmente com as praças situadas para além dos centros das cidades. Há uma elitização do lazer e dos espaços de convívio, restritos a determinados locais e grupos. Assim, as condições da vida urbana transformadas pelo capital, pela urbanização capitalista, sobretudo pela especulação imobiliária, alteraram a forma de uso e apropriação dos espaços públicos.

Richard Sennet (1999) também demonstra uma preocupação com o esvaziamento simbólico dos espaços públicos promovido pela urbanização capitalista. Para o autor, devido às transformações provocadas pelo capitalismo e pelo urbanismo, o espaço público foi afastado de sua função inicial à medida em que os indivíduos se fecharam na vida privada, onde a impessoalidade da rua adentra a casa e a personalidade da casa se insere na rua, principalmente na política.

Em contrapartida, Magnani (1998), ao considerar o lazer uma dimensão fundamental da vida cotidiana, presente em locais específicos à produção de sociabilidades, como as praças, festas e bares, destaca a importância desses espaços, principalmente aqueles que se propõem públicos diversos. Assim, diante de rotinas exaustivas de trabalho, é no tempo livre e nos espaços de lazer que os habitantes da cidade encontram formas de compartilhar o cotidiano e produzir sociabilidades. Esse exercício permite que seus frequentadores se sintam mais integrados e parte do todo, dimensão também fundamental da vida coletiva. Nesse sentido, as formas como os habitantes se apropriam e utilizam os espaços perpassam os significados que

lhes são atribuídos por seus próprios frequentadores, bem como os vínculos que são estabelecidos com o espaço e entre os indivíduos que o ocupam.

Considerando essa discussão sobre os espaços públicos, assim como sua importância para a vida coletiva, este estudo tem como foco a investigação das formas de uso das praças públicas em Viçosa, Minas Gerais. Dessa forma, pretendemos realizar um estudo comparativo de casos sobre as formas com que as praças são apropriadas, perpassando a utilização com base na delimitação de um perfil de seus frequentadores, e comparando esses dados entre as praças situadas na região central e periférica da cidade.

Partindo da definição proposta por Benedet (2008), compreendemos praça por espaços abertos, públicos, orientados ao convívio e à contemplação. Considerando a importância das praças para a região em que estão situadas e buscando viabilizar a pesquisa, selecionamos de forma intencional 4 praças como *locus* da nossa investigação: Praça Silviano Brandão, Praça do Rosário, Praça José Santana e Pracinha do Amoras.

Devido à articulação entre sociedade e espaço, evidenciada por Corrêa (1995) e Lefebvre (2006), observar a praça e as dinâmicas da vida pública, bem como suas hierarquias e distribuições socioespaciais, também são um indicativo da forma com que a sociedade se organiza e se relaciona. Nesse processo, é possível mapear as formas com que as relações são estabelecidas e a importância do espaço na qualificação da vida pública, sendo também um indicador da qualidade de vida e de exercício da cidadania.

Assim, o presente estudo se faz importante enquanto um registro da forma como os espaços públicos existentes têm sido utilizados, onde ao reforçar sua importância para a vida coletiva, espera-se produzir um material que sirva de base para pensar políticas públicas voltadas à formulação de espaços públicos atrativos, plurais e democráticos, alinhados às demandas da população. Reforçamos ainda a importância dos espaços públicos como locais de contato com a diversidade da cidade. Ao se promover os espaços de sociabilidades e solidariedades, é possível reforçar o sentimento de pertencimento, evitando o desligamento simbólico da vida coletiva. Por fim, o direito a experienciar livremente de espaços públicos constituídos por indivíduos plurais, e configurados para atender às demandas da população, constitui características fundamentais do direito à cidade e à vida urbana plena (Lefebvre, 1969; Harvey, 2009).

2. OBJETIVOS

2.1 GERAL: Compreender as formas de uso e apropriação de praças de Viçosa e verificar em que medida promovem qualidade de vida em termos de inclusão sociocultural.

2.2 ESPECÍFICOS:

1. Verificar se o perfil (gênero, cor/raça, idade, classe) de seus utilizadores interferem na forma com que se apropriam do espaço da praça e de seu entorno.
2. Verificar se há diferença entre as formas de uso das praças de centro e bairro, e se há relação destes diferentes usos com a atenção dada pelo poder público na valorização destes espaços.
3. Identificar como as redes de relações e sociabilidades são construídas em cada praça, no sentido da qualificação da vida pública, e do pleno exercício da cidadania no espaço urbano.

3. METODOLOGIA

A fim de compreender como os indivíduos utilizam e se apropriam das praças públicas delimitadas em Viçosa, realizamos um estudo comparativo de casos, analisando as formas de uso e apropriação em cada praça e, posteriormente, comparando as diferenças entre os usos de duas praças centrais e de duas praças periféricas da cidade. O intuito foi compreender e comparar as redes de sociabilidades construídas e/ou evitadas em cada praça, bem como investigar se o perfil, tais como gênero, idade, classe e a cor/raça de seus frequentadores interferem no uso que fazem do território, além de investigar a relação desses usos com a política pública destinada a esses espaços.

O trabalho de campo foi orientado pelas definições de Peirano (2008), segundo a qual a etnografia consiste em a pesquisadora viver a teoria, não apenas executar uma metodologia. Considera-se a existência de um diálogo entre o campo e a teoria investigada inicialmente, sendo a experiência e ação no campo orientadas por essa leitura inicial. Assim, pretende-se renovar os dados e promover novas descrições sobre um tema, sendo o seu maior desafio traduzir a outrem a articulação entre os achados em campo e a literatura.

Uriarte (2012) também discorre sobre os significados da etnografia, a compreendendo como o exercício de contato prolongado e denso no cotidiano do grupo investigado. Esse encontro com os interlocutores do campo é mediado por relações também complexas envolvendo trocas, diálogos e negociações entre a pesquisadora e o grupo pesquisado. Sendo assim, o processo se inicia com a teoria, passa pelo campo, posteriormente pela análise dos dados e escrita, e finaliza com a possibilidade de devolução dos achados ao grupo ou a instituições, ou seja, à própria comunidade colaboradora.

3.1 UNIVERSO DE PESQUISA

Benedet (2008) entende que as praças são espaços livres e abertos ao público, construídos para contemplação e convívio entre pessoas. A partir dessa definição realizamos um levantamento via Google Maps das praças de Viçosa, considerando como praça os espaços públicos dotados de uma dimensão estética, atendendo assim à função de contemplação, e que possuem locais para sociabilidade e descanso, como bancos. Nesse processo, identificamos dez praças que atendem à definição. Contudo, considerando a importância das praças para a região em que estão situadas e buscando viabilizar a pesquisa, selecionamos de forma intencional quatro praças como *locus* da nossa investigação: Praça Silviano Brandão, Praça do Rosário, Praça José Santana e Pracinha do Amoras.

A partir da delimitação das praças, realizamos visitas regulares alternando entre manhã, tarde e noite, e entre dias da semana e finais de semana. Em um primeiro momento, o objetivo foi nos inserirmos enquanto frequentadoras e utilizadoras regulares das praças, seja para ócio, comércio ou lazer, desfrutando também do que o entorno de cada praça oferece. Estando familiarizadas com o cotidiano de cada praça, foi possível mapear, por meio da observação participante, a forma e por quem são utilizadas, considerando também o perfil dos frequentadores, e através disso foi possível formular um roteiro inicial de entrevista.

Assim, selecionamos três interlocutores em cada praça, caracterizados, quando possível, pela presença contínua no espaço, moradores e trabalhadores do entorno, ou ainda indivíduos que ocupavam a praça por algum motivo. Nesse processo, realizamos a aproximação e convite para participar da pesquisa. Por vezes, essa aproximação envolveu conversas e interações que precederam o convite formal para a entrevista. No caso de comerciantes presentes na praça ou no entorno, utilizamos também como estratégia para aproximação questionar sobre ou mesmo consumir suas mercadorias. A partir disso, a interação promovida pela troca comercial permitiu a aproximação para conversas sobre o cotidiano, que levaram à construção de uma relação mais próxima de intimidade e confiança, além de um reconhecimento quando frequentávamos ou passávamos pela praça.

Além disso, enquanto realizava observações, conversas e interações em campo ocorriam também de forma espontânea, o que abriu um leque de possibilidades de participação. Nas praças dos bairros, algum nível de estranhamento sobre a minha presença também ocorreu. Contudo, nunca fui diretamente questionada sobre a minha presença em campo, ainda que perguntas indiretas eram feitas no início, como, por exemplo, se estava esperando o ônibus ou se morava no bairro.

3.2 FORMA DE COLETA DE DADOS

Partindo das definições de Uriarte (2012), compreendemos que os dados não são coletados pela pesquisadora, mas produzidos em parceria com o grupo pesquisado. Contudo, a organização, tradução e articulação do “quebra-cabeça”, não ordenado e confuso de dados, é um exercício autoral e próprio da pesquisadora. Nesse sentido, a comunicação entre dados, campo e teoria se faz característica fundamental em trabalhos antropológicos. Dessa forma, os dados foram produzidos, inicialmente, através da observação participante no cotidiano das praças. Concomitantemente, foi realizada a filmagem de elementos que chamavam a atenção, através de planos inteiros¹ que buscavam a descrição e apresentação, através do vídeo, do cotidiano observado.

A produção do material visual se ancorou nas possibilidades de utilização da fotografia como parte do discurso antropológico pontuadas por Godolphim (1995), que também a ponderamos para o registro audiovisual. Segundo o autor, para além da produção de um material passível de restituição da realidade como ela é, a presença da intencionalidade distingue o material audiovisual antropológico das demais produções audiovisuais. A intencionalidade antropológica se antecede já na escolha do campo teórico, anterior à inserção no campo, assim como pelos objetivos da pesquisa. Contudo, é necessário sermos cautelosas para que a teoria não condicione a observação e a produção audiovisual, nos colocando, assim, abertas para nos deixar levar pela sensibilidade do cotidiano em campo (Rolnik, 1987).

Já em um segundo momento, os dados foram produzidos através das entrevistas, acordadas em dias, horários e locais específicos, escolhidos pelos interlocutores. Após a realização da entrevista, que ocorreu com a gravação consentida de áudio, foi realizada a apresentação da ideia do curta etnográfico e o convite para participação, com a gravação de uma nova entrevista, agora em vídeo. Houve mais resistência no aceite para gravação do vídeo que do áudio, sobretudo por pessoas mais jovens. Acreditamos que a resistência envolva possíveis constrangimentos sobre chamar atenção dos demais transeuntes ao realizar a filmagem nas praças ou sobre a possível exposição de sua imagem.

Para aqueles que se sentiram mais confortáveis com a ideia do vídeo, formulamos um segundo roteiro após a transcrição do áudio da primeira entrevista, onde solicitamos a repetição de alguns elementos que chamaram nossa atenção e inserimos algumas novas perguntas,

¹ Planos inteiros são aqueles que exibem o objeto de forma completa, buscando dar sentido, contextualizar e apresentar a cena à medida em que mostra o objeto, em sua totalidade, em relação aos outros objetos em cena.

resultando em um segundo encontro específico para realizar a filmagem. Os vídeos individuais foram compartilhados com os interlocutores, visando sua aprovação, assim como o produto final. As entrevistas, em áudio ou vídeo, também direcionaram o nosso olhar para elementos específicos da praça, que foram revisitados no vídeo através da filmagem em planos mais fechados, dando destaque aos elementos pontuados pelos interlocutores.

Dessa forma, as filmagens e entrevistas ocorreram em um processo de construção em conjunto, mesclando elementos que me chamavam atenção enquanto observadora-frequentadora, e elementos que chamavam a atenção dos nossos interlocutores. Nesse processo, as praças eram constantemente revisitadas, a fim de ilustrar visualmente o quebra-cabeça que era montado coletivamente conforme as entrevistas ocorriam. Exploramos, assim, os dilemas envolvendo a legitimidade e autoridade dos trabalhos antropológicos, que são levantados por Geertz (2009), à medida em que realizamos nossa leitura do campo e a produção de dados em constante diálogo com os interlocutores. O vídeo, inserido enquanto recurso narrativo, também se tornou uma ferramenta importante no exercício de devolução do material ao grupo pesquisado e à cidade.

3.3 FORMA DE PRODUÇÃO AUDIOVISUAL

Realizamos todas as filmagens públicas de elementos das praças por meio do celular, tendo em vista que a utilização de câmeras poderia gerar constrangimentos indesejados. Durante as filmagens, priorizamos planos inteiros para também preservar a identidade dos transeuntes, dado o fluxo de pessoas e a dificuldade em conseguir consentimento de todos que transitam pela praça. Buscamos, nessas filmagens, descrever os ambientes, o entorno e os usos das praças. Já para aqueles que consentiram com a gravação do vídeo, realizamos a filmagem com auxílio de microfone de lapela, tripé e câmera, a fim de promover maior liberdade de interação e estabilidade na filmagem.

Após a filmagem desses elementos, organizamos um roteiro para o vídeo, buscando em cada áudio das entrevistas, destacar o que os interlocutores diziam sobre o movimento da praça, alguma memória ou história que envolvia seu espaço, a forma como utilizavam, sua importância e o que gostavam e não gostavam nela. Assim, estruturamos os áudios em uma ordem lógica partindo desses tópicos de interesse. Para aqueles que não consentiram com o vídeo, mas disponibilizaram o uso do áudio, incluímos vídeos e/ou imagens da praça, buscando caracterizar visualmente o que estava sendo exposto. Todo o processo de edição, corte e junção dos vídeos e áudios foi realizado no programa MOVAVI.

3.4 FORMA DE ANÁLISE DOS DADOS

A fim de facilitar a análise do grande volume de dados produzidos, as entrevistas foram transcritas e analisadas em blocos específicos para cada praça. Nesse processo, buscamos compreender como os interlocutores se relacionavam com a praça, a percepção deles sobre o espaço, as sociabilidades experienciadas, as memórias ligadas à praça e sua concepção de praça ideal. Buscamos, assim, compreender se essas narrativas eram influenciadas pelos marcadores sociais da diferença que atravessam seus corpos. Além disso, procuramos construir um panorama de cada praça que incluísse as percepções dos interlocutores e as minhas próprias percepções enquanto frequentadora-observadora, pensando até que ponto concordam e se distanciam.

Obtendo uma descrição dos usos, relações e significados atribuídos a cada praça, buscamos comparar esses elementos entre as praças de centro (Silviano Brandão e Rosário) e as praças de bairro (Amoras e Fátima), considerando ainda a atenção do poder público para com esses espaços e sua possível relação com as formas de uso e relações estabelecidas nas praças. Finalmente, buscamos comparar as narrativas sobre a importância de cada praça para a cidade e para o bairro, assim como as percepções sobre a importância do espaço público. Essas análises foram transcritas em vídeo através da combinação das entrevistas, em áudio e vídeo e da filmagem dos elementos das praças. Procuramos contar, visualmente, uma história que apresente as praças, seu entorno, e suas formas de uso, assim como as narrativas dos indivíduos sobre elas, destacando aspectos físicos e simbólicos ligados à importância ou ao desuso desses espaços.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 A CIDADE, A SOCIEDADE E O ENCONTRO COM A DIFERENÇA

O espaço urbano apresenta uma relação dialética com os indivíduos que por ele transitam, se apropriam e vivem a cidade. Isto é, não é um espaço pré-discursivo, mas construído e reconstruído diariamente por diversos agentes (Corrêa, 1995), sendo a produção do espaço determinada por três processos relacionais: a prática espacial, que representa as relações estabelecidas no cotidiano; a representação do espaço, caracterizada pelos discursos produzidos sobre o espaço; e os espaços de representação, que indica a dimensão simbólica do espaço, como os significados e as normas que são atribuídas a ele (Lefebvre, 2000).

Por esse motivo, o espaço produzido reflete também a sociedade, reproduzindo suas hierarquias e desigualdades (Corrêa, 1995). Percebendo que a cidade é também construída por indivíduos, Lefebvre (1969) a define como a dimensão material da sociedade, ou seja, o local onde é possível observar, na própria distribuição e organização do território, as dinâmicas que organizam a vida em coletividade. Essa materialização da sociedade no território torna possível visualizar problemas de ordem econômica e social, que projetados na cidade, são classificados agora como problemas urbanos.

Pensando ainda a relação dialética entre a sociedade e a cidade, Santos (1985) pontua que a construção do espaço perpassa a atribuição de significados por indivíduos a uma localidade, que por sua vez só é possível dentro de um sistema de valores. Atribuir significados ao espaço, além de delimitar seus usos e funções, é conferir a ele uma gramática própria, no sentido colocado por DaMatta (1979). Dessa forma, a “gramática do espaço” diz sobre uma sequência implícita de regras sobre suas formas de uso e de construção das sociabilidades, que são atravessadas também pela caracterização dos corpos autorizados a ocupar aquele território. Assim, as redes de relações estabelecidas entre indivíduos e com o espaço, específicas a cada um deles e permeadas por relações de poder, aproximam o território da cidade da própria sociedade.

Devido à íntima relação do território com a sociedade, a cidade também é percebida como o local onde as diferenças e diferentes moralidades convivem e são hierarquizadas (Wirth, 1973). Seus habitantes, marcadamente heterogêneos, ainda que ocupem espaços socialmente demarcados e homogêneos, experienciam nas ruas e nos espaços públicos o encontro obrigatório com o “Outro” e com a sua diferença. Nesse processo, Certeau (2003) entende a cidade como um espaço também contraditório, onde redes de poder e de interesses coexistem e fazem da cidade um território de disputa, que por sua vez é profundamente hierarquizado.

Nesse sentido, a segregação socioespacial se articula aos marcadores sociais da diferença, limitando trânsitos e espaços da cidade por meio do gênero e da cor/raça de seus habitantes (Rolnik, 2007; Silva, 2007; Santos, 2012). Assim, uma sociedade hierarquizada transporta suas hierarquias para o território, produzindo uma cidade também desigual. Cercar o direito de se apropriar da cidade e de seus espaços, através da segregação socioespacial ou de constrangimentos que perpassam os marcadores sociais da diferença, é também limitar e condicionar as formas de sociabilidades que serão construídas em cada espaço. Assim, o território passa a ser ocupado por indivíduos homogêneos, contrariando o princípio da vida na cidade, também pontuado por Wirth (1973), de ser o local de encontro e coexistência das

diferenças. Além do mais, limitar, ainda que indiretamente, o trânsito de pessoas pela cidade pode ser pensado como uma violação ao direito à cidade.

Lefebvre (1969) entende que o direito à vida urbana em sua forma plena, que envolve não apenas circular livremente pela cidade, mas possuir condições dignas de existência, como transporte, moradia e lazer, compõem o direito à cidade. Dessa forma, desfrutar do direito à cidade significa possuir o direito de viver a cidade através de seu “valor de uso”, em contraposição ao “valor de troca”, apropriado pela capitalização do planejamento urbano. Harvey (2009) complementa essa definição ao entender o direito à cidade como a liberdade de experimentar e transformar o território. Segundo o autor, essas possibilidades também têm sido limitadas pelo capital, que cerceia a circulação na cidade e as decisões ligadas ao desenvolvimento urbano, onde são considerados apenas os interesses de mercado, ou o “valor de troca”, da vida urbana.

As violações ao direito à cidade contradizem ainda os princípios pontuados por Magnoli (1986) no que tange a definição e o propósito dos espaços públicos. Segundo a autora, os espaços públicos possuem funções de circulação de pessoas, comunicação, lazer, convívio e também de encontro com a diversidade, sendo, portanto, um espaço heterogêneo. Nesse sentido, para que atenda às suas funções, os espaços públicos precisam ser abertos e acessíveis, almejando ser o mais democrático possível. Dessa forma, são locais que pretendem o livre trânsito de pessoas, ausentes de constrangimentos estruturais que limitem o seu uso e, portanto, acessíveis a todos que desfrutem da cidade.

4.2 A CASA E A RUA NA CONSTRUÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS

Há ainda uma dimensão política dos espaços públicos, explorada por Bakhtim (1987). Segundo o autor, o exercício da cidadania, e consequentemente a construção da cidade, partem dos espaços públicos. Isto é, por serem espaços plurais e abertos a todos os indivíduos, os espaços públicos são historicamente locais de encontro e debate, de onde nascem reivindicações sobre a cidade desejada. Por esse motivo, a produção de espaços homogêneos, a fim de construir sociabilidades também específicas, que não plurais e espontâneas, acompanhando a vida na cidade, interfere na liberdade de experimentar e transformar a cidade.

Nesse sentido, os espaços públicos se estruturam em oposição aos espaços privados, tanto com relação às suas funções, quanto no que se refere à forma com que as relações são construídas e as redes de sociabilidades tecidas. DaMatta (1997) explora essa dualidade por meio dos significados atribuídos às dimensões da casa e da rua. O autor percebe essa oposição

como uma forma de ler e viver o mundo urbano, com gramáticas específicas a cada domínio. Assim, a casa se constrói como o lugar do controle, perpassado por relações de parentesco que organiza a hierarquia e é o ponto de partida da sociabilidade fabricada no local. É o lugar também da harmonia, das regras e, portanto, marcadamente higienizado.

Essas caracterizações do âmbito privado, ou seja, da casa, como representante da pureza, tendo suas relações sacralizadas do ponto de vista moral, contrastam ainda com a caracterização da rua, ou do mundo público, como lugar do perigo, também como uma província moral, ainda que desqualificada. A rua é pensada, assim, como local onde o imprevisível se manifesta devido ao seu caráter de relativa permissividade. Devido à diversidade de agentes em trânsito, as interações se dão ao acaso e entre desconhecidos. Dessa forma, é também o local da escolha, já que as redes de sociabilidades construídas não são pautadas em relações obrigatórias de parentesco. As interações mais significativas se dão por mútuo interesse, por afinidades ou sentimentos de empatia que são forjados no cotidiano da imprevisibilidade da vida urbana.

As gramáticas, ou códigos de conduta, da casa e da rua também perpassam dimensões econômicas, de classe social, raciais e de gênero. A casa e a rua podem se apresentar como locais mais permeáveis a alguns corpos que outros, assim como ditar comportamentos diferentes a um mesmo corpo a depender de qual domínio se faz presente. As formas de se apropriar de cada um desses territórios, bem como de estabelecer uma rede de relações, dependem dos marcadores sociais da diferença que constituem cada corporalidade. Nesse processo, a cidade não se divide apenas entre o público e o privado, a rua e a casa, mas entre as regras, intrínsecas a cada domínio, sobre as formas com que cada corpo se apropriará de cada espaço. Essa divisão, portanto, legitima o poder simbólico que hierarquizará as diferenças em cada um desses espaços.

Embora representem aspectos tão distintos do cotidiano, a casa e a rua possuem características relacionais. Nesse sentido, um pode ser definido através de elementos percebidos como ausentes no outro, estando em constante interação e interferindo um no outro. Em alguns lugares ainda, a divisão entre a casa e a rua pode ser enevoadada, consistindo em locais de coexistência dos dois domínios (DaMatta, 1997). Dessa forma, diferentes regras são estabelecidas, e uma personalidade anônima assume o contorno das relações. Magnani (1998) entende essas relações como construídas por indivíduos que se identificam, mas não se conhecem profundamente. Isto é, como colegas que se reconhecem por compartilharem o cotidiano da cidade, mas que não desenvolveram uma relação mais significativa ou

personalizada. O autor ainda percebe esse domínio como um terceiro, situado entre a casa e a rua e denominado de “pedaço”.

No pedaço, as relações se dão de forma menos personalizada que no âmbito privado da casa, ao mesmo tempo que assumem uma proximidade maior que na rua. Devido à manutenção de algum nível de anonimato, no pedaço ainda é possível mentir ou carnavalizar a própria identidade. Esse movimento, que se mostra pouco possível na casa e desnecessário na rua, dado o seu anonimato, constitui uma das características centrais do “pedaço” e da condição do anônimo-conhecido. Além disso, por compartilharem o cotidiano, também podem existir regras e algum nível de distribuição territorial que atribui pontos específicos do pedaço a cada indivíduo ou grupo que o ocupa diariamente, personalizando o espaço em alguma medida.

4.3 A CIDADE, AS PRAÇAS E A VIDA PÚBLICA

As praças públicas também podem ser pensadas como um “pedaço”, um terceiro domínio situado entre a casa e a rua, devido à natureza das interações percebidas em seu espaço. Benedet (2008) entende que nem todo espaço público ou vazio é considerado uma praça, sendo esta definida por aspectos estéticos do espaço público, que por sua vez é destinado à interação entre pessoas, lazer, ócio e/ou contemplação. Pode existir, ainda, a dimensão política ou de manutenção da memória da cidade ligada à existência de uma praça. Contudo, seu aspecto distintivo está centrado no âmbito estético, da contemplação, e de configurações espaciais que centram a função desse “pedaço” na produção de sociabilidades através da interação entre pessoas.

Nesse processo, essa definição de praça acompanha, segundo Benedet (2008), a função que as praças assumiram na Grécia Antiga, consistindo em espaços que eram destinados às discussões políticas. Isto é, à construção de sociabilidades e interação entre pessoas, ainda que restrito a determinados grupos, mas que propunha refletir sobre a cidade e a vida coletiva. Além disso, devido à sua herança colonial, as praças no Brasil assumem a função estética de ser um espaço destinado à contemplação. Assim, seu traçado foi historicamente pensado para que seja um espaço visualmente agradável, construído principalmente em frente às igrejas católicas (Benedet, 2008).

No que tange seu papel simbólico, por ser um espaço limiar, funções e sociabilidades características da casa e da rua convivem, sendo assim um local onde é possível coexistir atividades de lazer, trabalho, convívio e ócio. Devido à ambiguidade que se experiencia na praça, esse local se caracteriza, segundo Coradini (1992), como sala de visitas da cidade. Assim,

é pensado como um local pessoalizado, que carrega a identidade e a memória da cidade, isto é, sua dimensão privada, ao mesmo tempo que a expõe aos seus visitantes. Da mesma forma, a sala de visitas representa para a casa um local privado que é produzido simbolicamente para receber a vida pública. Contudo, é exageradamente artificial, se contrastando com a privacidade do restante da casa e a exposição da vida pública da rua.

Por representarem a sala de visitas da cidade, ainda segundo Coradini (1992), as praças se caracterizam pela reunião de aspectos estéticos e monumentais, que pretendem eternizar e concentrar a memória da cidade. É o local, portanto, de encontro entre o tempo e o espaço da cidade, que pode se diferir de seus outros locais ao apresentar uma temporalidade específica, voltada ao lazer ou à contemplação. Dessa forma, as praças são o local onde a vida pública se concentra e permite sua observação, isto é, o local de concentração de eventos e acontecimentos da cidade, por exemplo. É a partir desse encontro entre poder, economia e vida pública, que a própria cidade encontra terreno para se expandir, uma vez que as praças centrais e a igreja são marcadores físicos históricos do surgimento das cidades.

Redes de relações formais e informais são tecidas no âmbito das praças. Para aqueles que utilizam de seu território para trabalho, lazer ou a ocupam rotineiramente, relações de reconhecimento são estabelecidas. Assim, um território ou “pedaço” é informalmente atribuído a cada um desses frequentadores por seu uso contínuo, ou seja, por passarem a ocupar o mesmo “pedaço” sempre que frequentam a praça. Nesse processo, regras são informalmente construídas e compartilhadas, já que ocupar um “pedaço” destinado a outro frequentador pode ser motivo de conflito, como relatado por Coradini (1992).

Portanto, no exercício rotineiro da construção do hábito, sociabilidades também são construídas através do reconhecimento entre desconhecidos que se conhecem em alguma medida. Dessa forma, ainda que não existam espaços formalmente demarcados, os indivíduos se apropriam simbolicamente da praça ao frequentá-la, criando um vínculo mais significativo com o espaço e, portanto, um território. Nesse exercício, se experiencia também da cidade e de sua vida pública, criando e recriando a memória da cidade.

Logo, os espaços públicos em geral, e as praças públicas em particular, se fazem importantes por representarem, em meio ao ritmo de vida das cidades, um local de encontro entre indivíduos e contato com a diversidade da cidade. Nesse sentido, são locais onde sociabilidades e vínculos são estabelecidos através do ócio, lazer ou trabalho, podendo ser espaço de produção de solidariedades. Dessa forma, é o local propício para sensibilizar-se com o cotidiano e com o “Outro” através do encontro com a diferença. Devido a isso, o direito de se

apropriar livremente de um espaço público constituído por indivíduos heterogêneos, se configura também como direito à cidade e à vida urbana, sendo condições fundamentais para experienciar plenamente a cidade e a vida coletiva (Lefebvre, 1969; Harvey, 2009).

5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

5.1 A CIDADE DE VIÇOSA E SEU CONTEXTO HISTÓRICO

Viçosa está localizada na região da Zona da Mata, interior de Minas Gerais, e conta com uma população de 76.430 habitantes, segundo o Censo de 2022. Sua densidade demográfica é de 255,26 hab/km², consideravelmente alta, em comparação à do país de 23,86 hab/km². Além disso, há uma grande concentração de estudantes universitários na cidade, sobretudo na região central, devido à presença da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Assim, essa parcela da população é caracterizada como “população flutuante”, já que em feriados, finais de semana e períodos de férias deixam a cidade de Viçosa.

Paniago (1990; 2001) expõe que a primeira ocupação no território de Viçosa ocorreu por volta de 1800 na região da atual Rua dos Passos, no entorno da Capela dos Passos, onde as primeiras ruas surgiram. Dessa forma, em virtude da concentração das atividades religiosas nesse local, a cidade cresceu em seu entorno. Em 1813 a centralidade religiosa é transferida para a região da atual praça Silviano Brandão, onde se inicia a construção da matriz de Santa Rita e da praça.

Viçosa, até então conhecida como Santa Rita do Turvo, devido ao nome do rio que atravessa a cidade, recebeu a nomeação de cidade em 1876, alterando seu nome. Silva L. (2014) destaca que a cidade de Viçosa teve como foco de crescimento o entorno da igreja de Santa Rita, a capela de Senhor dos Passos e a igreja do Rosário. Assim, a expansão de Viçosa concorda com as afirmações de Coradini (1992), que argumenta sobre a centralidade das praças e das igrejas como focos de crescimento e surgimento das cidades.

Até 1926, segundo Paniago (1990; 2001), a economia da cidade estava concentrada na agricultura, especialmente de café. Devido à criação da Escola Superior de Agricultura e Veterinária em 1926, com influência de Arthur Bernardes², a economia da cidade se diversificou, abrangendo o comércio, a prestação de serviços e o setor imobiliário, para também atender aos estudantes. Com a expansão da Universidade e o aumento na diversidade de cursos, a população flutuante aumentou, resultando também na verticalização do centro de Viçosa.

² Importante político viçosense que foi presidente do Brasil entre 1922 e 1926.

A expansão da cidade se associa à expansão da universidade (Souza, Faria, Stephan; 2015), tornando visíveis alguns problemas urbanos. A violência e o perigo foram os problemas mais relatados por nossos interlocutores, o que causa receio para ocupar os espaços públicos da cidade. A distribuição do trânsito e a prestação de serviços também foram destacadas como algumas limitações da cidade. Nesse processo, com o crescimento de Viçosa, ocorreram mudanças físicas e nas formas de significar seus espaços, sobretudo na maneira com que os espaços públicos são utilizados, como pontuado pelo receio em ocupá-los devido à violência, segundo alguns de nossos informantes. Xisto (2017) também constata que Viçosa possui poucos espaços públicos e de lazer, sendo a UFV utilizada pela população para preencher essa lacuna. Essa forma de uso da Universidade também foi relatada por Luan³, homem branco de 23 anos e um de nossos interlocutores, que destaca como memória afetiva suas idas até a Universidade e a praça do Rosário a fim de brincar quando criança.

Como tentativa de incentivar e promover a ocupação das praças da cidade, a prefeitura lança o projeto “Uma praça mais Viçosa”⁴, idealizado por uma comissão mista de arquitetos, engenheiros e gestores públicos em 2017. O projeto pretendia revitalizar algumas praças da cidade, incluindo a praça central, com obras finalizadas entre 2019 e 2020. Algumas praças foram, de fato, mais utilizadas após a reforma, entretanto, como exposto por nossos interlocutores, devido à não manutenção do cuidado, a qualidade das praças caiu e seus espaços sofreram novamente com o esvaziamento de frequentadores.

5.2 A “PRAÇA DA IGREJA”: PRAÇA SILVIANO BRANDÃO

A Praça Silviano Brandão, considerada a maior e mais antiga praça da cidade⁵ surge, segundo Silva L. (2014), quando as atividades religiosas da cidade são transferidas em 1813 da atual Rua dos Passos para o local onde se encontra atualmente. Por ser uma região plana e afastada do rio Turvo, foi possível construir a praça em frente à igreja de Santa Rita, sendo um novo ponto de concentração e expansão da cidade. A autora ainda pontua que morar no entorno da praça era sinônimo de status, já que é a região central, foco de festividades religiosas e da vida na cidade.

A praça e a igreja foram centro de uma série de modificações ao longo dos anos, buscando atender às necessidades da população e da cidade. É possível observar, na imagem 1,

³ De modo a preservar a identidade dos interlocutores, todos os nomes citados são codinomes.

⁴ Fonte: <https://www.vicosamg.gov.br/detalhe-da-materia/info/uma-praca-mais-vicosamg/71986>

⁵ Fonte: <https://www.vicosamg.gov.br/detalhe-da-materia/info/prefeitura-inaugura-reforma-da-praca-silviano-brandao-neste-sabado-29/61558>

a praça e a antiga matriz de Santa Rita, construída mais à esquerda da praça. Segundo Almeida (2006), com o crescimento da cidade a igreja se tornou pequena, onde a construção de uma matriz maior foi necessária. Assim, as casas visualizadas à direita da igreja na imagem 2 foram demolidas para dar lugar à nova matriz, que até o término de sua construção e completa demolição da matriz velha coexistiram na praça, contrastando o passado e o futuro religioso da cidade (imagem 2). Sobre o traçado da praça, é possível observar na imagem 1 que não há uma linearidade, exigindo um maior tempo para circular e, conseqüentemente, mais voltado para o ócio e contemplação do espaço público.

Imagem 1: Praça Silviano Brandão em 1949⁶



*1*Fonte: Arquivo Central e Histórico da UFV

Imagem 2: Matriz nova e velha



*2*Fonte: Arquivo Central e Histórico da UFV

Já na imagem 3 é possível visualizar que a matriz antiga já havia sido demolida, e que a Praça Silviano Brandão apresenta um novo traçado, em formato de asterisco e que torna possível transitar por ela com maior rapidez. Ao centro se encontra a estátua de Arthur Bernardes, atualmente ainda presente na praça e que divide seu simbolismo político com o simbolismo religioso da igreja de Santa Rita. Segundo Xisto (2017), as modificações nos espaços públicos ocorrem de modo a acompanhar as transformações no ritmo de vida da sociedade, onde com o passar dos anos, a praça perdeu a característica de ser um local de contemplação e ócio (imagem 1) e se transformou em um local de reafirmação do poder político e religioso, assim como de passagem dos cidadãos para seus demais compromissos cotidianos, consumindo a praça de forma fugaz.

⁶ Disponível em: <http://atom.ufv.br/index.php/image-01-129>

Imagem 3: Praça Silviano Brandão em 1970



3Fonte: Arquivo Central e Histórico da UFV

Atualmente, a praça Silviano Brandão, mesmo com o traço fugaz de em sua frequência, ainda carrega o caráter tradicional, de concentração e reatualização da memória da cidade, por contar em seu entorno com a casa Arthur Bernardes, transformada em museu, e que reforça a memória política da cidade. Também permanece enquanto local de centralidade religiosa, representada pela igreja matriz e a igreja Universal do Reino de Deus, presente no outro extremo da praça. Além disso, é vista como centro comercial e financeiro, dada a concentração de comércios no seu entorno e a tradicional feira de artesanatos que ocorre aos sábados. Assim como pontuado por DaMatta (1997), a praça se caracteriza como o local de convergência do poder político, da economia e da religião de uma cidade. Dessa forma, concentra e representa a vida viçosense em sua pluralidade e memória, recebendo também as principais festas e comércios da cidade. Entretanto, como estratégia para descentralizar os serviços públicos do entorno da praça e buscando valorizar uma nova área, o fórum é transferido de suas proximidades para o final da Avenida Santa Rita em 2005, estando agora localizado entre o centro e o bairro de Fátima (Almeida, 2006).

Imagem 4: Praça Silviano Brandão durante festa de Santa Rita (maio/2023)



4Fonte: Acervo Pessoal

As formas de uso da praça são determinadas por seu entorno comercial, residencial e religioso. É também um local de grande trânsito de pessoas, que a utilizam como meio para chegar a algum lugar. A mesma é também utilizada como espaço de contemplação, ócio e lazer, ainda que esse uso esteja mais restrito, durante a semana pela manhã, à população idosa masculina, que a ocupa para jogar cartas e jogos de tabuleiro, ou apenas contemplar o trânsito de pessoas. Assim, homens idosos utilizam da praça como local de sociabilidade, compreendida por Frúgoli Júnior (2007) como movimento recíproco de interação entre pessoas, possível já que esse grupo desfruta de um maior tempo livre, em virtude da idade e da divisão sexual do trabalho doméstico. Esse mesmo tempo livre é visto por Eduarda, mulher branca de 37 anos, como um limitante para frequentar a praça, ao mesmo tempo que Geraldo, homem branco de 67 anos, vê a praça como um local de lazer e contemplação, a elegendo como local para esperar o horário do ônibus. Assim, o ritmo de vida e os marcadores sociais da diferença alteram e determinam a forma com que os indivíduos desfrutarão ou não dos espaços públicos (Xisto, 2017; Benedet, 2008).

Já aos finais de semana à tarde, as crianças são aquelas que mais desfrutam da dimensão de sociabilidade da praça, a ocupando para brincar no parquinho. Acreditamos que a maior presença desse público nesses dias e horários ocorre pois é o momento em que a família, devido

aos horários e dias de trabalho, consegue acompanhar seus filhos pela praça. Aos finais de semana, em virtude da função comercial da praça ser reduzida, seus frequentadores majoritariamente a utilizam para ócio, sociabilidade e contemplação. Dessa forma, seu uso se resume ao ócio dos adultos, agora plurais em seu perfil, e diversão das crianças, que dividem a praça com o público religioso que necessita transitar por ela para acompanhar a celebração da missa da manhã e da noite.

Os usos durante o final de semana, mais tranquilos e ociosos, se contrastam com os usos durante a semana, mais “caóticos”, comerciais e transitórios. O público da praça também se difere durante a semana, onde seus personagens são, para além dos homens idosos, pessoas que a utilizam como um ponto de descanso entre os horários de trabalho e demais afazeres, ou adultos e estudantes que transitam por ela. É também local de trabalho de taxistas e alguns ambulantes, que dividem, por vezes, a praça com alguns pedintes. Dada a diversidade de personagens e formas de apropriação da praça, é possível afirmar que ela conta com diferentes moralidades que convivem (Wirth, 1973), perpassando a finalidade religiosa, comercial, do ócio, da contemplação e da sociabilidade dos idosos, do descanso entre afazeres, do lazer das crianças e da materialização da vulnerabilidade socioeconômica expressa na presença de pedintes.

Esses grupos, embora convivendo diariamente na praça, ocupam locais específicos em sua distribuição espacial, se reunindo em grupos de semelhantes. Apesar da sensação inicial de caos, como exposto pela caracterização da cidade de Simmel (1973), onde seu habitante constrói barreiras psicológicas, como a atitude *blasé*, para se proteger do excesso de informações e interações, a vida na praça se aproxima da caracterização da cidade de Magnani (2002). Para o autor, assim como para Uriarte (2003), a cidade não se dá de forma fragmentada e simbolicamente desordenada. O cidadão se conecta a grupos de semelhantes, fazendo das alianças ferramentas de diferenciação, ao mesmo tempo em que compartilham a coexistência no espaço público com aqueles que os diferenciam. O habitante da praça não é, portanto, um representante da individualidade e da atitude *blasé*, mas da diversidade ao mesmo tempo em que compartilha com seus diferentes a ideia de comunidade.

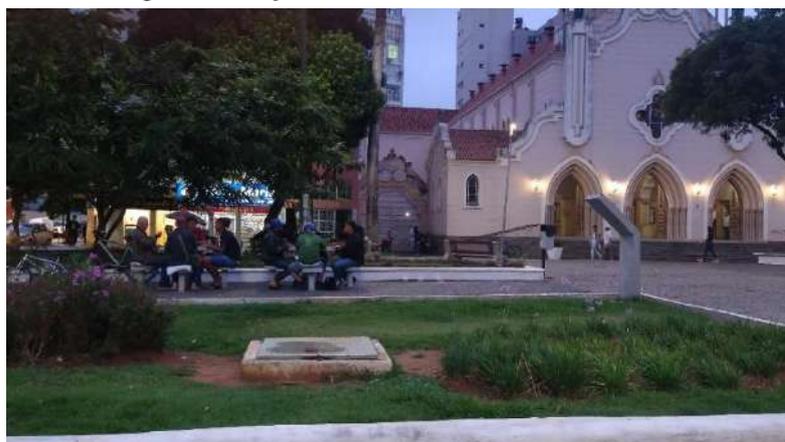
Com a coexistência no espaço, aqueles que ocupam a praça diariamente a transformam em um “pedaço”, no sentido trabalhado por Magnani (1998), ao significarem o espaço e dividirem redes de relações formais e informais através do hábito e do cotidiano, que permite o reconhecimento desses sujeitos, abandonando o completo anonimato da vida na rua. Os taxistas, ambulantes, idosos e crianças sempre se agrupam em um mesmo espaço da praça, determinando

simbolicamente aquele local como seu “pedaço”. Essa separação simbólica das moralidades que acompanham cada “pedaço” da praça resulta em uma classificação e hierarquização moral desses locais. Uma de nossas interlocutoras, por exemplo, afirma que alguns bancos sempre estão ocupados por bêbados, e outra interlocutora afirma que prefere sentar nos bancos próximos ao parquinho e à igreja, para não ser incomodada. Assim, os espaços mais próximos da rua Presidente Tancredo Neves são vistos como pertencentes a uma região moral que escapa à moral hegemônica (Wirth, 1973), sendo evitada por essas frequentadoras.

Apesar dos julgamentos morais destinados a algumas localidades, as narrativas dos interlocutores convergem na percepção da praça como local de sociabilidade, atualmente e no passado. Contudo, essa sociabilidade se dá por meio de relações entre conhecidos, sendo difícil a interação sem alguma finalidade entre desconhecidos, com exceção das crianças. Fernanda, mulher branca de 67 anos, relata que frequenta a praça apenas acompanhada de suas amigas, que sentam no espaço para conversar. Geraldo também percebe a praça como local de sociabilidade, contemplação da vida e encontro com amigos, em oposição à vida em casa, que para ele é “tranquila demais”. Dessa forma, a praça é caracterizada como local onde as relações são reafirmadas e onde é possível contemplar a diversidade, acompanhando a definição de espaço público de Magnoli (1986).

A praça também pode ser local de perigo, em consonância com a caracterização da rua realizada por DaMatta (1997). Nesse sentido, é o local onde os frequentadores se colocam passíveis de encontro com o imprevisível, onde é possível experimentar relações positivas ao mesmo tempo em que é possível experimentar situações de risco. Eduarda, que trabalha a noite no entorno da praça, relata que já foi ofendida e constrangida verbalmente por um homem, que também portava uma faca, situação que nunca ocorreu em seu caminho para casa, ainda que seja um percurso longo e deserto. Em seu relato há um forte marcador de gênero, já que situações críticas, como a relatada, nunca foram vivenciadas por outros homens que também trabalham no entorno da praça a noite. Assim, Eduarda expõe as restrições e inseguranças impostas às mulheres ao utilizarem espaços públicos, como argumentam Perrot (2014) e Rolnik (2007), ainda que estejam acompanhadas por outras pessoas.

Imagem 5: Praça Silviano Brandão ao final da tarde



5Fonte: Acervo Pessoal

Dos eventos que ocorrem na Praça Silviano Brandão se destacam a feira itinerante de livros, festival de música, feira de flores, festa de Santa Rita, Semana Santa e a festa de aniversário da cidade, que ocorrem em momentos específicos do ano. Para as festas religiosas e da cidade, barraquinhas de comida são instaladas na praça, o que a deixa mais movimentada comercialmente. Aparentemente, a festa de Santa Rita é a que atrai mais frequentadores, e a que aparece com maior importância na fala de meus interlocutores. Eduarda cita, por exemplo, como “a melhor época da praça”. Nesse sentido, a praça Silviano Brandão é aquela que mais recebe eventos ligados à vida pública da cidade, provavelmente devido à sua centralidade e papel simbólico.

As narrativas dos interlocutores também convergem na afirmação de que a praça era mais frequentada, com a finalidade de ócio e contemplação, após sua reforma em 2019, pois estava mais bonita e com os jardins mais bem cuidados. Dessa forma, reforçam a importância estética da praça, como afirma Benedet (2008). A beleza e o cuidado destinado à praça logo após sua reforma a tornava atrativa, o que não ocorre atualmente devido à falta de atenção do poder público na manutenção de sua qualidade estética, limitando o interesse em frequentar. Eduarda também destaca que, por ser a praça principal, deveria ser mais bem cuidada, sendo conservada pela prefeitura e zelada pelos frequentadores. Para Geraldo, o perigo também limita o interesse em utilizar a praça, principalmente à noite durante grandes eventos. Por também morar em um bairro afastado, a disponibilidade de ônibus à noite limita a sua possibilidade de estar na praça, cerceando seu direito à cidade (Lefebvre, 1969).

A praça Silviano Brandão se mostrou próxima da definição de espaço público de Magnoli (1986) à medida em que é um espaço diverso, ocupado por diferentes tipos de pessoas em diferentes dias e horários. Assim, possui moralidades conflitantes que dividem seu espaço

e tornam sua diversidade possível. Contudo, em meio à diversidade da praça, constrangimentos ligados aos marcadores sociais da diferença ainda excluem alguns indivíduos de seu espaço. Fernanda, por exemplo, relata que evita frequentar a praça em grandes eventos com seu neto, uma criança. Sua fala carrega um marcador de classe, já que sua justificativa é que o neto solicitaria por coisas materiais, ligadas a alimentação ou lazer, que nem sempre sua família poderia pagar. Nesse processo, ainda que seja um espaço público e que se apresente diverso, constrangimentos que limitam o seu uso ainda se fazem presentes.

Imagem 6: Praça Silviano Brandão durante o dia



Fonte: Acervo Pessoal

5.3 A “PRAÇA DA ANTIGA PREFEITURA”: PRAÇA DO ROSÁRIO

A praça do Rosário é pontuada por Silva L. (2014) como um dos três patrimônios a partir dos quais a cidade de Viçosa se expandiu, sobretudo devido ao seu papel religioso. Segundo Paniago (2001), em 1899 a antiga capela do Rosário foi demolida, sendo inaugurada em 1924 a igreja do Rosário, e posteriormente demolida em 1965. Segundo informações que acompanham as imagens disponibilizadas pelo Arquivo Central e Histórico da UFV, a demolição da igreja do Rosário e das casas do entorno foi motivada pelo processo de reurbanização da cidade, ocorrido por volta de 1950. Nesse processo, mantiveram as ruas do entorno da igreja e construíram a praça do Rosário no lugar.

Alguns frequentadores entrevistados, como José, homem branco de 85 anos, ainda carregam a memória da existência da igreja e de sua demolição. Considerando que a praça do Rosário está situada a poucos metros da praça Silviano Brandão, por décadas, a igreja de Santa Rita e do Rosário dividiram a referência religiosa no centro da cidade.

Imagem 7: Igreja do Rosário em, aproximadamente, 1930



7Fonte: Arquivo Central e Histórico da UFV

A praça do Rosário, ainda que não seja considerada a praça principal da cidade, concentra a maior quantidade de monumentos que homenageiam figuras políticas, a memória da cidade e seus habitantes. No entorno da praça também se localizava, até 2016, o prédio da prefeitura, o que justificaria a presença dos monumentos dada a centralidade na representação do poder e da memória da cidade que o entorno propiciava para a praça. A fim de descentralizar os serviços públicos, a sede da prefeitura também foi transferida para o final da Avenida Santa Rita, tendo seu prédio antigo ocupado por alguns setores da administração municipal, como a biblioteca e algumas secretarias. Assim, a praça do Rosário se caracteriza como o local onde a economia e o poder político convergem, tendo a memória da cidade eternizada nos monumentos que são distribuídos por seu espaço (imagens 8, 9 e 10).

Imagem 8: Monumento Comemorativo do Centenário de Viçosa



8Fonte: Acervo Pessoal

Imagem 9: Memorial dos viçosenses enviados à Segunda Guerra Mundial enquanto combatentes da Força Expedicionária Brasileira



9Fonte: Acervo Pessoal

Imagem 10: Agradecimento aos 25 anos de Rotary Club em Viçosa



10Fonte: Acervo Pessoal

Para Júnior, homem branco de 68 anos, a praça do Rosário “é o cartão postal da cidade”, já que devido à distribuição do trânsito, passar por ela é praticamente inevitável. Dessa forma, é também ponto de convergência do tráfego urbano, contando em seu entorno com o principal ponto de ônibus da cidade, que mais atende a mobilidade do serviço de transporte público, segundo Almeida (2006). A confluência de linhas de ônibus neste ponto torna possível que pessoas de bairros distantes consigam frequentar a praça, como relatado por José. Para ele, a disponibilidade de ônibus faz com que seja possível frequentar a praça diariamente, em virtude também do passe livre para idosos. Assim, essas medidas permitem que pessoas como José

possam usufruir do direito à cidade (Lefebvre 1969), de circular livremente pelo território e utilizarem da praça como espaço de lazer e contemplação, como pontuado por ele.

Imagem 11: Praça do Rosário em 2012⁷



Fonte: Remy de Milde (Flickr)

Por ocupar um lugar central na cidade, a praça é muito movimentada durante a semana, tendo seu ápice de movimentado em horário comercial e aos sábados pela manhã. Seus personagens se dividem entre aqueles que esperam pelo ônibus, transeuntes que possuem como destino os comércios do entorno, suas casas ou o centro da cidade, taxistas, idosos, pessoas em situação de rua e alguns jovens, aparentemente menores de idade, que utilizam a praça como ponto de encontro e sociabilidade. No perfil de frequentadores, quase não observamos mulheres, se restringindo a homens de meia idade e idosos.

Júnior, por exemplo, vê a praça como local de distração, encontrando em seu trabalho como taxista uma forma de não permanecer apenas em casa. Segundo ele, a praça também é sua casa, já que passa boa parte do seu dia naquele espaço. Nesse sentido, observamos uma apropriação da praça, no sentido trabalhado por Coradini (1992), onde é criado um território simbólico de identificação com o local, resultando em um “pedaço” (Magnani, 1998). Apesar de transitório, na praça são estabelecidas relações de identificação social entre personagens que a frequentam diariamente. Assim, aqueles que se encontram de forma cotidiana na praça se reconhecem, não reproduzindo as relações completamente impessoais da rua, ao mesmo tempo em que essas relações não ocorrem com a mesma intimidade daquelas estabelecidas entre pessoas de convívio íntimo e de amizade duradoura.

⁷ Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/demilde/7159506061>

Júnior ainda afirma que não concorda com a concentração de “pessoas da rua” que se organizam na praça para jogar cartas, já que podem ser confundidos com taxistas. Entretanto, ele argumenta que a praça é pública e não se pode impedir o grupo de frequentá-la. Assim, reforça o conflito entre os grupos e as moralidades que dividem o uso da praça, que refletem a diversidade das formas de vida na cidade. Esses frequentadores se apropriam do espaço da praça criando um “pedaço” dotado de significados simbólicos, atribuindo diferentes sentidos em um mesmo tempo e espaço da praça. Há um espaço destinado aos taxistas, concentrados ao lado do trailer⁸; àqueles que esperam pelo ônibus, que sentam nos bancos próximos ao ponto; às pessoas em situação de rua e jogadores de cartas, que ocupam a região central da praça; aos idosos, presentes próximos aos taxistas ou na parte alta; e aos jovens, que se concentram no monumento localizado no extremo da praça.

Convivem, portanto, o uso impessoal e transitório do espaço, caracterizado pela necessidade de transitar por ele, ao mesmo tempo em que há uma apropriação e transformação do espaço da praça em um território por alguns grupos, caracterizado pela identificação e afeição pelo local. Essa forma de significar o espaço é o que nos permite diferenciar os grupos e seus locais de uso na praça, traçando um perfil de seus frequentadores. Ainda assim, mesmo aqueles que fazem um uso mais impessoal e objetivo da praça, como esperar pelo ônibus, significam o espaço ao o compartilhar com pessoas que o utilizam para a mesma e diferentes funções. É nesse processo que percebemos que na diversidade de usos é possível construir categorias de identificação através do uso comum, onde pessoas se agrupam em espaços de semelhantes, seja pelo perfil, seja pela forma de uso da praça, ou mesmo pela diferenciação que marca sua percepção do Outro pelo contraste.

Apesar de ter seus frequentadores sistemáticos, o movimento da praça do Rosário ocorre majoritariamente em função do trânsito de pessoas em horário comercial e aos sábados pela manhã, tendo seu uso condicionado pelo entorno. Dessa forma, para além dos horários pontuados, a praça é pouco movimentada. É um contraste com a praça Silviano Brandão, por exemplo, mais utilizada para lazer e contemplação. Em uma sexta-feira, por volta das 19h, não havia quase nenhum frequentador ou transeunte na praça do Rosário, exceto pelo movimento ocasionado pelo trailer e ponto de ônibus. Já na Silviano Brandão, no mesmo horário, foi possível observar várias pessoas sentadas e circulando pela praça.

⁸ Espécie de “*food truck*”, porém fixo no espaço, que é destinado à comercialização de alimentos, geralmente no período da noite.

Tratamos aqui de lugares espacialmente próximos, em um mesmo dia e horário, mas que envolvem públicos e usos bastante distintos. A praça do Rosário, portanto, por ter seu uso majoritariamente condicionado pelo entorno, contrasta seu fluxo durante o dia, movimentado e “caótico”, e à noite, “deserto” e “perigoso”. Para pessoas mais jovens, como Luan, de 23 anos, a praça não oferece nenhum atrativo para lazer nem mesmo durante o dia, já que não sedia eventos ou feiras, estando o uso restrito à espera pelo ônibus.

Imagem 12 e 13: Praça do Rosário durante a noite



12 Fonte: Acervo Pessoal



13 Fonte: Acervo Pessoal

José e Júnior também carregam um saudosismo ao falarem sobre a praça. Para eles, ela era melhor antes, sendo mais bonita, iluminada e até um ponto turístico. O perigo e o comércio representam, para eles, problemas para um bom uso da praça. Dessa forma, as diferentes moralidades que dividem o espaço da praça entram em conflito para alguns frequentadores, representando também o espaço contraditório que caracteriza a vida na cidade, como argumenta Certeau (2003). A praça, segundo os interlocutores, foi abandonada pela prefeitura, não contando mais com sua dimensão esteticamente agradável que levava as pessoas a frequentarem anteriormente. O descaso do poder público somado à ausência de eventos ocorrendo na praça resulta na ausência de frequentadores para além do horário comercial.

Como possibilidades de melhorias, Luan ressalta a necessidade de existirem mais eventos e atividades que chamem atenção e levem as pessoas a frequentarem a praça. Considerando ainda que a centralidade da vida política foi transferida para a Silvano Brandão, onde se concentram manifestações que ocorrem na cidade, como, por exemplo, contrárias ou a favor de candidatos em períodos eleitorais, sobretudo para eleições presidenciais, ou relativas a temas de grande repercussão nacional, como a discussão sobre a descriminalização do aborto,

em pauta no STF em 2023. Já o fluxo da praça do Rosário se dá de forma transitória, com exceção de idosos, taxistas e alguns moradores de rua.

Devido à centralidade da praça, é possível afirmar que é um local de encontro com a diversidade, onde é possível visualizar diferentes perfis de pessoas transitando pelo local, o que concorda com Magnoli (1986) sobre a experiência no espaço público. Essa diversidade é um atrativo para idosos, como José, de 85 anos, que escolhe percorrer 7km de ônibus todos os dias para passar uma parte do seu dia na praça. Segundo ele, “o movimento é aqui”, isto é, o trânsito de pessoas permite que ocupe seu dia assistindo a vida acontecer. Para não ficar em casa, prefere circular e se distrair na praça do centro, já que a praça do seu bairro não é tão movimentada. O relato de José nos faz refletir sobre os contrastes nos ritmos de vida, assim como na solidão sentida por idosos ao perceberem um descompasso do seu ritmo de vida com o ritmo de vida das outras pessoas para além seu núcleo familiar.

É nesse processo que a praça se torna um local importante de encontro, sociabilidade e contemplação. Contudo, há um forte marcador de gênero, já que não observamos mulheres idosas ocupando as praças para ócio ou lazer. Supomos que devido à divisão sexual do trabalho, essas mulheres ocupam o seu tempo com os afazeres domésticos, o que não ocorre com os homens idosos, que procuram nas praças possibilidades de lazer. Assim, reforçam uma divisão generificada do espaço público e de suas formas de uso, sendo o lazer público majoritariamente representado por homens (Perrot, 2014; Rolnik, 2007).

Imagem 14: Praça do Rosário durante o dia

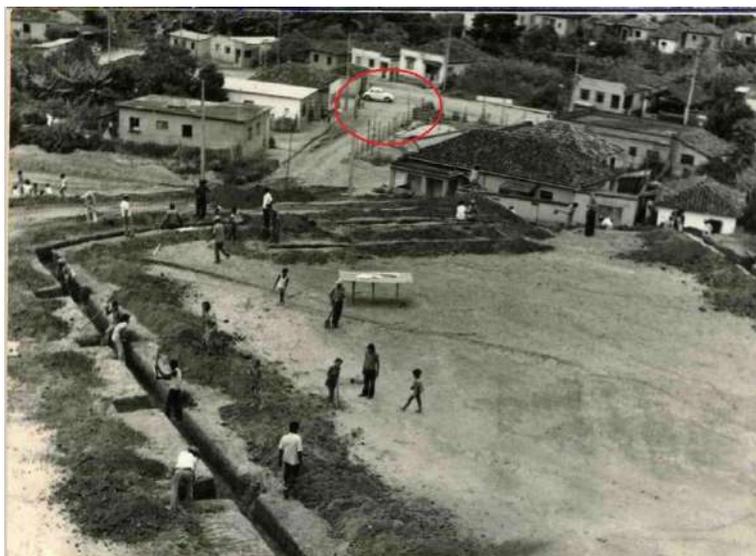


*14*Fonte: Acervo Pessoal

5.4 A “PRAÇA DO BAIRRO DE FÁTIMA”: PRAÇA JOSÉ SANTANA

A Praça José Santana, popularmente conhecida como Praça do Bairro de Fátima, possui sua história ligada à história de expansão do bairro, já que é sua praça principal. Segundo Silva L. (2014) o bairro foi administrativamente reconhecido em 1974, tendo sua origem com a criação de loteamento de fazendas de café que ocupavam o espaço. Já a Paróquia de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, situada nas proximidades da praça, foi inaugurada em 1975, onde é possível observar, na imagem 15, sua construção e o local onde a praça seria construída, destacado em vermelho. A Paróquia, e posteriormente a praça, demarcam lugares de relevância simbólica para o bairro ao se tornarem pontos de referência importante, tendo em vista que núcleos urbanos normalmente se expandem a partir dos entornos das igrejas e de suas praças (Coradini, 1992).

Imagem 15: Construção da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário de Fátima (1975)



15Fonte: Acervo digital da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário de Fátima

Segundo nossos interlocutores, a praça foi constantemente modificada ao longo dos anos, passando por uma série de reformas. Contudo, detalhar seus processos de transformações fugiria aos objetivos deste trabalho. A modificação mais recente da praça ocorreu em 2020, sendo parte do projeto “Uma praça mais Viçosa”, idealizado e desenvolvido pela prefeitura. Das mudanças realizadas, são destacadas a troca do piso, os novos bancos, e a modificação do espaço de lazer para crianças, ainda que as árvores e o trailer de alimentação tenham sido mantidos.

Seu entorno é caracterizado como de uso misto, já que conta com algumas residências e espaços de uso comercial, como padaria, açougue, farmácia, bares e mercados nas ruas

paralelas à praça. A praça também divide espaço com um trailer e um bar, lugar privilegiado de exercício do lazer e da sociabilidade, que utilizam o espaço da praça para colocar suas mesas para consumo de lanches e bebidas. A Paróquia também compõe o entorno da praça, influenciando no trânsito de pessoas em determinados horários, já que recebe católicos do bairro de Fátima e dos bairros vizinhos, como Bom Jesus e Nova Viçosa.

Nesse processo, a praça se mostra um espaço ambíguo de convivência entre elementos relacionados à dimensão da casa e da rua, como pontuado por DaMatta (1997; 1979). Ao domínio da casa se relacionam os aspectos residenciais de seu entorno, assim como a dimensão de uma moral sacralizada representada pela igreja. Ao mesmo tempo, o bar e o trailer de lanches se aproximam do domínio da rua ao representarem as possibilidades de lazer noturno e boêmio, imprevisíveis e com relações mais espontâneas que na casa. Lidamos com práticas de frequência e de convívio que caracterizam a existência de “regiões morais” distintas, no sentido trabalhado por Wirth (1973), que dividem cultural e socialmente o espaço da praça entre dias e horários específicos.

Imagem 16: Vista frontal diurna da Praça do Bairro de Fátima



16Fonte: Acervo pessoal

Apesar da diversidade de funções presentes em seu entorno, a praça não apresenta um movimento intenso de trânsito ou presença de pessoas igualmente durante os sete dias da semana. O espaço é caracterizado, de modo geral, como um lugar de passagem durante o dia e à tarde. Seus frequentadores mais assíduos são crianças que utilizam o parquinho, normalmente acompanhadas por suas mães e em horários que possuem disponibilidade, isto é, além do horário comercial. Esse distanciamento do uso da praça para o ócio e lazer, de forma abrangente

para as demais faixas etárias, concorda com as afirmações de Xisto (2017) e Benedet (2008) sobre o afastamento dos espaços públicos, provocado principalmente pela mudança no ritmo de vida e pela privatização do lazer.

O entorno majoritariamente determina o trânsito de pessoas pela praça, independentemente do dia e do horário. O fluxo de pessoas na praça se dá pela ida aos comércios das adjacências, pela presença de estudantes da escola situada nas proximidades, pela igreja em horários de celebração de missas e pelo ponto de ônibus, presente na praça. Durante a noite, aos finais de semana, a praça encontra o seu auge de movimento de pessoas devido ao bar e ao trailer. Assim, quando o funcionamento dos ambientes é encerrado, o fluxo de pessoas também é cessado. Já durante o dia, aos finais de semana, crianças costumam brincar no parquinho e alguns moradores passeiam com cachorros, existindo também circulação de pessoas, ainda que de forma mais amena.

A praça, de modo geral e na maioria dos dias, é tranquila, quieta e intimista. Seus transeuntes, muito solícitos, contribuem para a construção de uma aura de simpatia em torno da praça, mesmo que seus fluxos sejam sempre entre o comércio do entorno, a igreja e suas casas. Benedet (2008) reforça que o espaço reflete o padrão das relações que serão estabelecidas, e devido à essa praça se caracterizar como um espaço de menor movimento e mais intimista, as relações também se dão em maior proximidade, por vezes entre indivíduos que já se reconhecem no trânsito cotidiano do bairro. Esse reconhecimento compõe o padrão das relações estabelecidas no “pedaço”, como pontuado por Magnani (1998), onde indivíduos se reconhecem por compartilharem um cotidiano, ainda que não se conheçam intimamente.

O não reconhecimento de um sujeito no pedaço também pode causar estranhamento e desconforto, a depender do contexto, dia e horário que essa presença ocorre. Durante minhas visitas à praça, eu me restringia à observação e, no máximo, a visitas à padaria. Em um dado momento, decidi conhecer o bar do entorno, de características bastante interioranas, onde minha presença causou estranhamento e um desconforto inicial em seus frequentadores, todos homens. Acredito que esse estranhamento esteja relacionado ao meu não reconhecimento como pertencente ao “pedaço” do bar e às suas dimensões de sociabilidades, ainda que a minha presença na praça já tenha sido identificada.

Além disso, o gênero é um marcador distintivo, já que o bar é um ambiente masculinizado, sobretudo aos finais de semana pela manhã, momento do ocorrido. Nesse sentido, Rolnik (2007) discorre sobre como os marcadores sociais da diferença, focalizados no gênero, interferem na liberdade e nas formas de uso dos espaços pelas mulheres, especialmente

nos constrangimentos ligados à presença de mulheres em determinados espaços. Da mesma forma, Perrot (2014) expõe como os espaços públicos e privados são produtos de moralidades ligadas às assimetrias de gênero, como a construção do bar como um espaço masculinizado e associado à boemia da rua, inacessível ao estereótipo da “mulher de família”. Contudo, esses interditos parecem flexíveis, já que quando retornei ao mesmo bar à noite em um final de semana, devido ao público mais diverso que o frequentava naquele momento, minha presença se tornou parte do cenário, e não motivo de estranhamento.

Imagem 17: Vista lateral noturna da praça, com maior concentração de pessoas em sua ponta direita



17 Fonte: Acervo pessoal

Quando questionados sobre as transformações experienciadas pela praça, os interlocutores carregaram de saudosismo suas respostas. Em sua maioria, destacam uma superioridade da praça do passado, seja pelo menor trânsito de pessoas, seja pela conservação do espaço. Marcos, homem negro de 72 anos, relata a experiência de levar seus filhos para brincarem na praça, ainda sem piso. Para ele, a “camaradagem” caracterizava sua experiência no espaço, já que utilizava do momento com os filhos para estreitar os laços com outros adultos que também frequentavam a praça. Assim, as relações que eram construídas na praça do passado parecem mais significativas que aquelas estabelecidas atualmente. De modo geral, a praça não parece ser utilizada para ócio e sociabilidade dissociada daquelas promovidas por seu entorno, como ocorria no relato de Marcos.

Já sobre os possíveis determinantes da limitação do uso do espaço, as dimensões do tempo disponível e do interesse em ocupar a praça se mostraram bastante significativas. Dessa forma, os afazeres cotidianos e a própria tecnologia impactam, segundo nossos interlocutores, a disponibilidade para estar na praça. Essa afirmação vai de encontro ao postulado por Xisto (2017) e Benedet (2008), ao perceberem que as transformações no ritmo e no modo de vida

coletivo afastaram as pessoas dos espaços públicos. Assim, durante o tempo livre são buscadas outras alternativas de lazer na casa, na tecnologia ou em espaços privados, afastando essas possibilidades dos espaços públicos.

Há ainda um determinante moral, que vê a praça enquanto um local carregado de uma moral desqualificada (Wirth, 1973), presente na fala de Marcos, que afirma evitar frequentar a praça para não ver as coisas que acontecem e que ele não concorda. Rosa, mulher negra de 59 anos, também carrega em suas narrativas sobre os espaços públicos um determinante moral, representado no medo constante da violência, sobretudo através do cuidado para com seus filhos. Acredito que esse receio esteja associado ao seu gênero e cor/raça, que vivencia os espaços da cidade enquanto um local propício para o exercício da violência contra seus corpos. Dessa forma, sendo o espaço público sinônimo de risco, prefere o evitar como forma de se privar da violência.

A atenção dada pelo poder público à praça também se colocou como um limitante da ocupação do espaço, uma vez que as reformas não dialogaram com as necessidades e expectativas dos moradores e do entorno sobre a praça. Nesse processo, também foi relatado um descaso com relação à limpeza do local, ligado à presença de lixeiras, poda de árvores e manutenção do parquinho. Essa narrativa contrasta com o que é experienciado nas praças de centro da cidade, já que é constante a presença de funcionários da prefeitura limpando e realizando pequenos reparos nas praças. Coradini (1992), ao conceituar a praça como a “sala de visitas da cidade”, reforçando sua manutenção estética como ferramenta para fabricar uma boa imagem da cidade, ilustra a preocupação do poder público com a manutenção das praças. Contudo, essa preocupação, no contexto investigado, se mostrou muito restrita ao centro da cidade, o que incomoda os moradores e frequentadores das praças de bairro, inclusive limitando e desencorajando os usos desses espaços devido à ausência de manutenção.

A ausência de moradores de rua ou ambulantes foi pontuado pelos interlocutores como algo positivo, reforçando que o discurso moral acompanha suas leituras da praça e estigmatizam o espaço. Assim, reforçam que a praça é “bastante familiar”, sendo um espaço público que, ao mesmo tempo, carrega elementos da casa, como o controle das relações, a pureza e a proximidade (DaMatta, 1979; 1997). Se afastando também da função política das praças pontuada por Bakhtin (1987), a praça do bairro de Fátima não se mostrou um local de encontro de discussões políticas ou de assuntos do bairro, que ocorrem no salão paroquial ou na casa de algum morador. Entretanto, a praça é vista como um local de referência para eventos e concentrações que ocorrem no bairro.

Essas ocupações provocam leituras paradoxais na população investigada, demonstrando mais uma vez que as regiões morais que convivem no espaço da praça por vezes se contradizem e entram em conflito. Apesar da maior concentração no espaço ser proveniente do entorno, sobretudo do bar e do trailer, Marcos o aponta como um limitante para frequentar a praça. Segundo ele, por não gostar dessa forma de lazer, se sente deslocado e opta por não estar nesse lugar, já que o bar e o trailer ocupam o espaço de quem gostaria de estar na praça, mas não gosta de desfrutar do que o entorno oferece.

Enquanto possibilidades de melhoria, é significativo o quanto reforçam a necessidade de deixar a praça mais bonita, concordando com Coradini (1992) no que tange os aspectos estéticos e ligados ao belo que são priorizados na construção das praças. Da mesma forma, Benedet (2008) caracteriza a praça como local de contemplação, e quando a dimensão estética se faz ausente, como no bairro de Fátima, a ocupação desses espaços é desencorajada. Além disso, a necessidade de vigiar, através de câmeras ou de uma pessoa destinada a essa função, é frequentemente presente nas falas dos interlocutores como uma alternativa para manter a praça conservada. Dessa maneira, pretendem construir estratégias de conservação por meio de constrangimentos ligados à constante vigilância do espaço, o que condicionaria suas formas de uso e suas relações (Foucault, 1979). Contudo, percebemos nessa atitude um ataque à liberdade e pluralidade dos espaços públicos e do direito à cidade, ao destinar à vigilância a única possibilidade de conservar o espaço público (Lefebvre, 1969; Harvey, 2009).

Imagem 18: Vista diurna da praça do Bairro de Fátima



18Fonte: Acervo pessoal

5.5 PRACINHA DO AMORAS

Com a expansão da cidade de Viçosa, produto dos fluxos migratórios para a cidade nos anos 1970, ocasionados tanto pela expansão da Universidade quanto pela saída do campo em direção à vida urbana viçosense, há a necessidade de loteamento e construção de novos bairros (Coelho; Chrysostomo, 2015). O bairro Amoras surge nesse contexto, através do loteamento da propriedade rural Vaz de Melo. Nesse sentido, Coelho e Chrysostomo (2015) relatam as negociações em torno do uso do território, onde desigualdades socioespaciais se tornaram mais explícitas com a expansão da cidade.

Assim, os bairros do centro e de seu entorno concentravam bens, serviços e as classes mais altas, ao passo que os bairros mais afastados do centro, como o Amoras, dispunham de terras mais baratas, em virtude da ausência de serviços em seu entorno e, conseqüentemente, era mais atrativo às classes baixas (Coelho; Chrysostomo, 2015). Segundo nossos interlocutores, ainda em 1980 não havia água ou luz no bairro Amoras, sendo posteriormente uma conquista da Associação de Moradores do bairro. Dessa forma, a ausência de infraestrutura justifica o menor preço dos terrenos do Amoras, propositalmente construído para abrigar as classes mais baixas que migraram para Viçosa no período.

Segundo dados da Paróquia de São João Batista, responsável pela Capela de Nossa Senhora Aparecida presente no bairro, a primeira capela foi construída em 1980 com auxílio de moradores. Com a expansão do bairro, a capela se tornou pequena, sendo demolida e reconstruída também com apoio de moradores. Já a praça, segundo Mateus, homem pardo de 48 anos, um de nossos interlocutores, foi construída em frente a igreja alguns anos depois, em 1986. Nesse processo, é sintomático da ausência do poder público no bairro a atuação de moradores na construção de obras públicas, como a praça e a igreja, ressaltando as desigualdades socioespaciais do município.

Imagem 16: Igreja e pracinha do Amoras em 2017



19 Fonte: Google Maps

A praça apresenta o comprimento de um quarteirão, mesma medida da igreja, e conta com um entorno majoritariamente residencial, com exceção dos bares e da mercearia situados em frente à igreja. Durante o dia a igreja permanece fechada, sendo aberta apenas nos horários de celebração das missas, como aos domingos pela manhã. Há ainda uma escola infantil e um ponto de ônibus no entorno, o que torna a praça lugar de passagem nos horários de entrada e saída de crianças da escola e de trânsito de ônibus. Alguns aparelhos de ginástica também estão distribuídos ao longo da praça, ainda que não sejam utilizados por adultos, idosos ou adolescentes, mas por crianças que os transformam em brinquedos.

Já os eventos que ocorrem na praça estão restritos ao âmbito religioso, como bingo da igreja, a novena e a festa de Nossa Senhora Aparecida em outubro, não sendo palco de demais eventos, já que também não ocorrem no bairro. Entretanto, a praça é um ponto de referência por comportar a igreja, o ponto de ônibus e concentrar o lazer do bairro. Em virtude dos diferentes usos que convivem e dividem o espaço da praça, é possível perceber como um espaço contraditório, acompanhando a definição da cidade de Certeau (2003). Nesse processo, diferentes moralidades convivem em seu espaço (Wirth, 1973), mesclando a moralidade religiosa, representada pela igreja e seus eventos, a moralidade boêmia dos bares, da utilidade da mercearia e do lazer das crianças.

Devido à presença dos bares, espaço também masculinizado, o público da praça é majoritariamente composto por homens de meia idade, que a utilizam para socializar com outros homens e desfrutar do espaço do bar em conjunto com o espaço da praça. Dessa forma, é também um “pedaço” (Magnani, 1998) à medida em que relações são estabelecidas em maior proximidade, onde seus frequentadores se reconhecem por dividirem o espaço da praça ou do bairro. Sendo também foco importante de sociabilidade, como para Gilberto, homem pardo de 48 anos, que a percebe como um lugar onde passa o tempo e conversa com amigos. Aos finais de semana o público da praça se torna um pouco mais diverso, sendo possível observar algumas mulheres frequentando os bares e, conseqüentemente, a praça.

Essa diversificação do público parece ocorrer em virtude de escalas de trabalho, já que a praça é mais movimentada aos finais de semana. Assim, o ritmo de vida determina a forma com que os espaços públicos podem ser utilizados para ócio e lazer, em consonância com os argumentos de Benedet (2008) e Sennett (1999). Além disso, a caracterização da rua como um domínio masculino impede que mulheres se apropriem de espaços públicos da mesma forma que os homens o fazem, sendo esse exercício carregado de uma moralidade que poderia desqualificar as mulheres que se apropriam desse espaço (DaMatta, 1997; Perrot, 2014).

Ainda que pouco movimentada, seus frequentadores são extremamente solícitos e receptivos. Sendo a praça um espaço intermediário, situado entre os domínios da casa e da rua (DaMatta, 1997), as relações que perpassam esse “pedaço” carregam elementos de ambos os domínios, embora com uma forte influência do âmbito privado. Seus frequentadores normalmente se cumprimentam pelo nome, demonstrando que se reconhecem enquanto indivíduos que compartilham a cotidianidade do bairro e da praça. Mesmo com a presença de sujeitos desconhecidos, como era a minha durante a inserção no campo, aqueles que transitam pela praça ainda me cumprimentavam, acredito que buscando compreender quem eu era e o que fazia ali, já que não pertencia à sua ordem cotidiana. Essa atitude contrasta com o comportamento *blasé* da cidade de Simmel (1973), e sendo uma praça bastante pessoalizada, suas relações se dão em maior proximidade, mais similares às estabelecidas na casa (DaMatta, 1997), também caracterizadas pelo cumprimento pelo nome entre frequentadores.

Imagem 20 e 21: movimento da pracinha do Amoras durante a semana pela manhã



20 Fonte: Acervo pessoal



21 Fonte: Acervo pessoal

Além da histórica atuação dos moradores na construção da praça e da igreja, estes constantemente são responsáveis pela manutenção da praça no que se refere à limpeza e conservação do local. Ailton, homem branco de 74 anos, também relatou sua participação na construção de calçadas e modificações na praça, o que indica uma ausência de investimentos de recursos públicos no bairro e, sobretudo, no espaço da praça. Mateus também relata que não há nada para ser cuidado na praça, para além da limpeza diária de lixo e folhas, já que não há nada ali, em contraste com as praças do centro, que para ele são mais bem cuidadas.

Nesse sentido, observamos que há uma ausência do Estado no bairro, seja no que tange a segurança, motivo de queixa frequente dos moradores, seja na construção e manutenção de espaços de lazer e sociabilidade. Essa ausência vai de encontro ao pontuado por Santos (2007)

ao reforçar que, devido à ausência de bens e serviços em bairros periféricos, seus moradores experienciam uma condição de não-cidadania, já que são impedidos de viver, no âmbito do seu território, a cidade e o que ela pode oferecer. Isto é, são privados de bens, serviços, e espaços de lazer que sejam construídos pelo poder público e que oferecem segurança para serem frequentados.

A importância da praça e sua referência está ligada à igreja, assim como seus eventos, e à presença dos bares, dividindo a moralidade religiosa e de lazer. Contrariando ainda a definição histórica de praça de Bakhtin (1987), a pracinha do Amoras não é um local para discutir assuntos relacionados à política do bairro ou da cidade, nem mesmo para decisões importantes para o bairro. Se restringe, portanto, à função de ser um local de encontro e produção de sociabilidades, e de concentração religiosa, sobretudo católica.

Há ainda uma notória insatisfação dos frequentadores com o espaço, refletida na afirmação, quando questionados sobre o que mais gostam na praça, de que não há nada que gostem. O descaso do poder público e a constante necessidade de manutenção pelos moradores parece os afastar simbolicamente do local. Mesmo que frequentem, que utilizem do espaço e do entorno, não há uma identificação com a praça, esta é um “pedaço” desterritorializado, à medida em que os vínculos e a identificação com o território são evitados. Nesse processo, a dimensão estética das praças trabalhada por Benedet (2008) ganha a cena, já que espaços esteticamente agradáveis, além de incentivarem a ocupação, parecem contribuir para construção do sentimento de identificação com a praça, ocorrendo o oposto quando é observada a ausência do “belo” nesses espaços.

De modo geral, os problemas urbanos que acompanham a vida no bairro parecem contribuir para afastar as pessoas do espaço público. Em todos os relatos, os casos recentes de violência no bairro preocupam e tornam inviável estar na praça após o encerramento do movimento dos bares, assim como na realização de eventos no espaço, como ocorria há alguns anos. Também foi relatado um movimento constante de menores de idade que utilizam a praça como local para uso de substâncias ilícitas, o que incomoda e preocupa moradores, sobretudo pela presença de crianças transitando pelo local. Nesse processo, melhorias no que se refere à segurança e ao aspecto estético da praça são constantemente pontuadas.

Mateus relata que cresceu junto à praça, que era um espaço para brincadeiras e diversão das crianças. Com o passar dos anos, uma moralidade desqualificada assumiu o espaço, o que, segundo ele, afasta os moradores. Assim, as moralidades que convivem na praça por vezes entram em conflito, já que há uma estigmatização dos usos alinhados à moralidade

desqualificada. Nesse processo, a utilização plena do espaço público é comprometida, já que além do estigma, também acompanham o risco e o perigo de se ocupar o espaço em determinados horários.

Imagem 22: pracinha do Amoras durante o dia



22 Fonte: Acervo pessoal

5.6 PRAÇAS “DE CENTRO” E PRAÇAS “DE BAIRRO”?

As praças Silvano Brandão e do Rosário, situadas no centro, apresentam um uso mais voltado à contemplação e lazer. Os personagens desse uso são, majoritariamente, homens idosos que são atraídos pela contemplação do movimento da rua. Devido ao grande fluxo de pessoas, essas praças também são mais impessoais, indivíduos que não as frequentam diariamente não causam estranhamento, uma vez que o anonimato é aceito e vivido. Essa forma de relacionamento nas praças de centro se encontra com a definição da cidade de Simmel (1973), onde devido ao grande fluxo de pessoas e excesso de informação, é impossível reconhecer todos que por ela transitam. Contudo, a atitude *blasé* não é generalizada, já que seus frequentadores assíduos se reconhecem e se relacionam em maior proximidade, também construindo um vínculo com o espaço, o que resulta em um “pedaço” em meio à impessoalidade promovida pelo ritmo de vida do centro da cidade.

Já as praças periféricas, representadas pela praça do bairro de Fátima e do Amoras, possuem um fluxo menor de pessoas e, por isso, são mais pessoais. Aqueles que por elas transitam normalmente se cumprimentam e desconhecidos causam estranhamento, o que pode ser justificado pelo reconhecimento entre moradores dos bairros e frequentadores das praças.

Entretanto, a pessoalidade⁹ das duas praças ocorre em diferentes níveis, já que a praça do Fátima, bairro mais próximo do centro, é mais impessoal que a do Amoras.

Nesse processo, acreditamos que a forma de sociabilidade do centro influencia os bairros de seu entorno, ao passo que perde influência quando se trata bairros mais afastados, como o Amoras. Sendo a praça um espaço intermediário, situado entre a casa e a rua (DaMatta, 1997), aquelas mais afastadas do centro apresentam uma forma de sociabilidade mais pessoalizada, próxima das características da casa. Já aquelas situadas no centro ou em seu entorno, apresentam uma sociabilidade mais impessoal, se aproximando das características da rua.

Assim, se na periferia os frequentadores das praças se cumprimentam e se relacionam de forma mais próxima, no centro as relações se dão intragrupo, onde os indivíduos dificilmente estabelecerão contatos mais próximos com aqueles que não conhecem. Essa forma de relacionamento das praças de centro se encontra com as consequências exploradas por Sennett (1999) no que se refere ao declínio do homem público. Para o autor, as transformações nos modos de vida promoveram um afastamento da vida pública, tendo os indivíduos se fechado na vida privada e evitado maiores proximidades no âmbito da rua.

Quando olhamos para as praças periféricas, presentes em bairros com realidades socioeconômicas tão distintas das encontradas no centro, esse enclausuramento no âmbito privado não é observado. Acreditamos que a morte do espaço público relatada por Sennett (1999) é reflexo de uma forma de vida encontrada nos centros e nas grandes cidades, o que não se aplica a outras realidades. Se tratando dos espaços periféricos de Viçosa, o afastamento do espaço público se liga à segurança e à conservação desses espaços, ao passo que a sociabilidade se manteve de forma pessoalizada, onde a casa adentra a rua, não separando uma esfera da outra. Assim, essa dualidade na forma com que os frequentadores se relacionam nas praças é também representativa da diversidade da cidade de Viçosa, onde convivem uma temporalidade interiorana e outra que ensaia uma vida quase metropolitana.

Nas praças de centro é comum a utilização do espaço por pessoas que aguardam compromissos ou em intervalo de almoço, momentos em que há maior fluxo de pessoas. Esse movimento contrasta com as da periferia, já que seu momento de maior fluxo se dá aos finais de semana, motivado pelos espaços de lazer do entorno, sobretudo dos bares. Assim, as praças

⁹ Por “pessoalidade” entendemos uma série de características ligadas às formas de sociabilidade que são estabelecidas nesses locais e que os tornam mais pessoais, próximos e reconhecíveis por aqueles que os ocupam. Isto é, os indivíduos se reconhecem e compartilham de relações em maior proximidade, contrastando com a impessoalidade e anonimato do centro. Assim, esses locais são carregados de características interioranas, de reconhecimento, simpatia e ajuda mútua entre frequentadores e moradores.

periféricas são movimentadas por seu entorno, ao passo que as do centro são movimentadas pelo entorno e por atrativos da praça, sejam físicos, como o parquinho para crianças, ou ligados à contemplação do trânsito de pessoas.

Se homens idosos são os principais personagens das praças de centro, esse grupo está ausente nas praças periféricas. Sua presença na praça é motivada pela necessidade de ver a vida acontecendo, como estratégia para deixar o tempo passar, o que explica a ausência nas praças de bairro, tendo em vista que são menos movimentadas. Nesse processo, o ritmo de vida determina a ocupação das praças, considerando que, durante o horário comercial, a concentração do fluxo de pessoas é na região central, já que concentra bens e serviços. Por contar com um entorno comercial, as praças de centro são consideravelmente esvaziadas após esse horário, ainda que o comércio noturno de lanches ou bares movimente as praças. Ao mesmo tempo, as praças periféricas são preenchidas após o horário comercial, seja pelo trânsito de pessoas em direção às suas casas ou pela procura do lazer que o entorno oferece.

Há ainda nas praças centrais a concentração simbólica da memória da cidade, representada pela presença de monumentos e realização dos principais eventos da cidade, assim como pontuado por Coradini (1992) no que tange a importância das praças. Já as periféricas se resumem a serem um local de referência e encontro para o bairro. A desigualdade na atenção do poder público às praças situadas em diferentes localidades expõe desigualdades socioespaciais, principalmente pela ausência da atuação do poder público na conservação e realização de obras no Amoras. Assim, a existência de locais mais atrativos para contemplação e frequência se resumem às praças do centro e de seu entorno.

A praça Silviano Brandão apresenta importância comercial, religiosa, simbólica e política, sendo uma referência para encontros e enquanto espaço de contemplação. É onde ocorre festas religiosas da cidade e onde se concentram as manifestações políticas que ocorrem. Nesse processo, carrega a função de ser o palco e centro da vida viçosense. A praça do Rosário é carregada por uma centralidade simbólica, já que é a praça com a maior quantidade de monumentos. Além disso, devido à distribuição do trânsito de Viçosa, é uma praça que é frequentemente contornada, também responsável por comportar o ponto de ônibus de onde parte a maior quantidade de linhas da cidade. Assim como exposto por Coradini (1992), essas praças centrais são carregadas de poder simbólico, responsáveis pela reatualização da memória da cidade, onde a vida urbana ocorre.

Já a praça do bairro de Fátima é referência para eventos que ocorrem no bairro, sendo também um ponto de encontro e sociabilidade para os moradores. Da mesma forma, a praça do

Amoras é um centro comercial e religioso do bairro, sendo uma referência devido ao ponto de ônibus e aos espaços de lazer promovidos pelos bares. Contudo, a dimensão contemplativa, do ócio e de ocupar a praça para além dos usos promovidos pelo entorno não aparecem nas praças periféricas, o que pode explicado pela ausência da atuação do poder público nos locais, refletida na insatisfação dos moradores com a segurança e conservação de ambas as praças.

Ainda que as praças de centro e de periferia se distanciem em aspectos de uso e apropriação do espaço, também se aproximam em algumas dimensões. De modo geral, observamos um afastamento dos espaços públicos em todas as praças, se tornando locais de passagem, mesmo que apresentem focos de uso para além da passagem, sobretudo nas praças de centro. Mesmo que alguns grupos, como homens idosos e crianças, utilizem as praças para além do que é oferecido pelo entorno, não observamos usos similares para outros grupos, existindo uma influência dos marcadores sociais da diferença na forma com que as pessoas utilizam do espaço. Para todas as praças, caracterizá-las perpassou o olhar pelo entorno, que determina também suas formas de uso. Nesse processo, o entorno e aquilo que ele oferece determina, principalmente para as praças de bairro, o fluxo de pessoas e sua distribuição ao longo dos dias da semana e de seus horários.

Tabela 1: Caracterização das praças analisadas

Caracterização	Praças			
	Centro		Periferia	
	Silviano Brandão	Rosário	Fátima	Amoras
Entorno	Comercial	Comercial	Comercial e residencial	Comercial e residencial
Forma de uso	Lazer, comércio, contemplação, local de passagem e para esperar algo ou alguém	Local de passagem, comércio, esperar o ônibus, contemplação (idosos)	Local de passagem. Ocupada devido ao comércio	Lazer, comércio
Horário de pico	Intervalo (11h-13h) e término (17h-18h) de horário comercial, e sábado pela manhã	Intervalo (11h-13h) e término (17h-18h) de horário comercial, e sábado pela manhã	Final de semana à noite (bar e trailer)	Final de semana à noite (bares)
Sentimento	Rapidez, diversidade, caos, impessoalidade	Caos, rapidez, impessoalidade, perigo	Pessoalidade, tranquilidade, intimidade	Perigo, personalidade, intimidade, interiorana, tranquilidade
Eventos	Festas da igreja e da cidade, feira de artesanato, concentração política e de lazer	Venda ocasional de artesanato	Vacinação, igreja	Igreja

1Fonte: Elaboração própria (2023)

6. CONCLUSÕES

A partir dos dados produzidos, concluímos que, de modo geral, há um afastamento multicausal dos espaços públicos. Nesse sentido, o afastamento é justificado por alterações nos modos de vida, que encurtam o tempo disponível para ócio, além dos processos de privatização do lazer público, ao mesmo tempo em que os indivíduos se confinaram no âmbito privado, evitando interações mais próximas na rua. Além disso, questões de segurança também contribuíram para o esvaziamento dos espaços públicos, sobretudo nas praças periféricas, assim como o descaso do poder público na conservação e manutenção desses espaços. As desigualdades socioespaciais também perpassam as causas do afastamento da população dos espaços públicos, apresentando motivos distintos entre praças de centro e periferia.

No que tange os aspectos de inclusão sociocultural, as desigualdades socioespaciais também se tornaram explícitas. A utilização da praça como espaço de lazer, realização de eventos e contemplação é frequente nas praças do centro, tendo em vista que são mais conservadas quando comparadas às periféricas. Já as praças de bairro possuem seus usos restritos à ocupação motivada pelo entorno ou à finalidade religiosa. Dessa forma, é possível afirmar que a divisão espacial das classes no território da cidade determina o cuidado público para com seus espaços de lazer, cabendo muitas vezes aos próprios moradores dos bairros realizarem a limpeza e manutenção das praças.

Nesse processo, a dimensão estética das praças estimula a sua ocupação, como observado nos relatos sobre a Silviano Brandão após a reforma. Se, como afirma Coradini (1992), a praça é a sala de visitas da cidade, podemos afirmar que as praças de centro dispõem de maior atenção pois são mais vistas e frequentadas devido à concentração da vida no centro da cidade. Por outro lado, se as praças de periferia não estão sendo vistas por visitas recebidas na casa-cidade, não são passíveis de cuidado ou atenção.

Os marcadores sociais da diferença também se mostraram determinantes na forma com que os indivíduos utilizam a praça. Observamos que as mulheres dificilmente compõem o perfil de frequentadores, mesmo as idosas. Esse afastamento das mulheres do espaço público é sintomático de sua atribuição ao âmbito privado, sendo a rua percebida como local de risco, como pontuado por Rosa. Para aquelas que se inserem no espaço público, mesmo enquanto local de trabalho, como relatado por Eduarda e Amanda, é comum constrangimentos e violências que buscam destinar novamente as mulheres ao espaço da casa.

A classe também apareceu como um marcador decisivo não apenas no que se refere ao cuidado desigual destinado às praças de centro e periferia, mas enquanto um determinante da

forma e frequência com que as praças serão frequentadas. Quando Fernanda afirma, por exemplo, que evita levar o neto à praça pois este solicitaria por lazer que sua família não poderia pagar, a interlocutora expõe a privatização dos espaços públicos de lazer e tensiona a dimensão pública desses espaços. Isto é, nos coloca para refletir sobre os constrangimentos e interditos colocados, em virtude da classe, no ato de brincar com uma criança na praça central.

Portanto, percebemos que o lazer, o ócio e as oportunidades de frequentar o espaço da praça possuem marcadores de gênero, classe, raça e idade. A presença frequente de homens idosos na praça, que a percebem como um espaço de possibilidade para ver a vida passar, ao mesmo tempo que há uma ausência de mulheres dessa faixa etária, nos leva a inferir que, para que esses homens permaneçam entediados em casa e busquem por lazer na rua, é necessário que exista uma mulher preenchendo seu tempo com atividades domésticas, o que pode as impedir de estarem nas ruas.

As formas de uso encontradas nas praças, assim como suas divergências e convergências entre centro e periferia dizem sobre aspectos mais amplos da vida na cidade. Assim, refletem as transformações nos ritmos de vida da cidade, suas desigualdades socioespaciais, os constrangimentos que direcionam os usos com base nos marcadores sociais da diferença, e as formas de sociabilidade características de cada modo de vida. Nesse processo, a dualidade na forma de se relacionar nas praças de centro e de bairro também refletem a dualidade que convive em Viçosa, sendo uma cidade de características interioranas ao mesmo tempo que apresenta características de sociabilidade mais impessoais e rápidas, próprias da metrópole.

Nesse processo, a praça é percebida como um local de encontro com a diferença, sendo um local contraditório onde moralidades contrastantes muitas vezes convivem. Assim, seus usos hierarquizados e estigmatizados oscilam entre dias e horários, utilizando a praça como palco. Se na praça é onde a vida acontece, através dela é possível entrar em contato com outros ritmos, histórias e formas de vida. Os constrangimentos ligados aos marcadores sociais da diferença que limitam sua utilização, e a ausência de atenção do poder público com as praças em geral, e as praças de periferia em especial, prejudicam a qualidade da vida pública no que tange a inclusão socioespacial e o próprio exercício da cidadania. Nesse processo, são uma violação ao direito à cidade tendo em vista que cerceiam a liberdade de desfrutar integralmente de bens, serviços e circular pro seu território.

Observar, refletir e relatar os usos das praças não foi um exercício fácil. Por muitas vezes estive dividida entre o que era sentido por mim em campo, os julgamentos iniciais que me acompanhavam e os elementos colocados pelos interlocutores. Nem sempre seguiam o

roteiro inicialmente imaginado por mim, e lidar com as imprevisibilidades do campo, também me colocando aberta a elas, foi um comportamento decisivo para que pudesse conduzir o trabalho. Nesse processo, perceber as relações de uso e as formas de sociabilidade em cada praça perpassou a experiência de ser afetada e exposta à imprevisibilidade da vida citadina. Os riscos e receios que acompanharam o trabalho, representados por ser uma mulher em um espaço que se torna hostil à minha presença a depender do horário e da ausência de companhia limitaram, ou me aproximaram da experiência cotidiana, de viver o espaço das praças.

No momento pós-campo, o grande volume de dados divididos entre entrevistas, observações, conversas informais, sentimentos e elementos audiovisuais me causaram estranhamento. Como organizar e relatar ao público as experiências nesses espaços onde a vida acontece? Como explorar e problematizar as potentes falas de nossos interlocutores, que indicavam elementos tão cruciais e críticos sobre a cidade e a sociedade, tratando da limitação nos usos dos espaços, seus problemas, a violência, o descaso... Foi impossível não ser afetada por cada contato, relato e história, que demarcam também a oralidade e a memória enquanto local de conhecimento. Essa experiência envolveu perceber que a combinação dos meus sentidos são ferramentas poderosas para conhecer, em um exercício de encontrar sentido entre o que vejo, escuto e sinto.

Recontar as diversidades e as desigualdades nas formas de uso das praças foi um misto de revolta e acolhida. Perceber que apesar do afastamento, dos problemas e do abandono do poder público em certas localidades, como nas praças de periferia, as praças ainda são um espaço de encontro, sociabilidade e lazer para alguns grupos, indicam a importância desses locais para a sociedade. O que não nos impede de realizar uma leitura otimista, ao mesmo tempo que alarmista: é importante questionar o quão público de fato esses espaços são, qual a liberdade que cada corpo possui para ocupá-lo e sob quais circunstâncias, para que possamos avançar no que se refere à liberdade da cidade.

7. BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, C. C. **Vou à Rua**: centro urbano e centralidades do município de Viçosa-MG. Monografia (Bacharel em Geografia). Departamento de Artes e Humanidades, UFV. Viçosa, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. São Paulo: Hucitec, 1987.

BARROS, Alfredo; DEVOS, Rafael Victorino.; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. A cidade e suas ruínas, pensando as ambições racionalistas de narrativas visuais. **ILUMINURAS**, Porto Alegre, v. 1, n. 2, 2000.

BENEDET, Michelle Souza. **Apropriação de praças públicas centrais em cidades de pequeno porte**. Dissertação (Mestre em Arquitetura e Urbanismo), Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo: Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. Sociedade Editorial e Distribuidora Ltda., 1975.

COELHO, Dayana Debossan, and Maria Isabel de Jesus Chrysostomo. Estratégias imobiliárias e a construção do “mito” do pai dos pobres na produção dos bairros periféricos de Amoras e Nova Viçosa (1970-1990). **Raega-O Espaço Geográfico em Análise**, 33, pp. 277-306, 2015.

CORADINI, Lisabete. **Redes de sociabilidade e apropriação do espaço em uma área central de Florianópolis**. Dissertação (Mestre em Antropologia Social), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social: Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1992.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 1995.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos feministas**, v. 10, n. 1, p. 171, 2002

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua**. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 1979.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

DE SOUZA MARIA, Ana Cristina, Teresa Cristina de Almeida Faria, and Italo Itamar Caixeiro Stephan. Um retrato da evolução urbana de Viçosa-MG: impactos da federalização da UFV sobre a cidade (1969-2014). *Revista Brasileira de Planejamento e Desenvolvimento* 3, no. 1, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FRÚGOLI JUNIOR, Heitor. **Sociabilidade urbana**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2007.

GEERTZ, Clifford. **Obras e vidas: o antropólogo como autor**. Tradução: Vera Ribeiro. 3. ed. Rio de Janeiro: Eclitora UFRJ, 2009.

GODOLPHIM, Nuno. A fotografia como recurso narrativo: problemas sobre a apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 161-185, jul./set. 1995.

HARVEY, David. A liberdade da cidade. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, v.13, n.2, p.09-18, 2009

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico, 2022**. Rio de Janeiro: IBGE.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.2006.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro Ed., 1969.

MAGNANI, José Guilherme C. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In J.G. Magnani & Lilian de Lucca Torres (orgs). **Na Metrópole: textos de antropologia urbana**. São Paulo: Edusp, 1996.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista brasileira de ciências sociais**, 17, 11-29, 2002.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. Vol. 2. Unesp, 1998.

MAGNOLI, Miranda Martinelli. O parque no desenho urbano. **Paisagem e Ambiente** 21, 2006. pp 199-213.

OUTTES, Joel. Cidade e habitação na América Latina (1890-1945): uma perspectiva foucaultiana. **URBANA: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade**. 2014, p.716-739.

PANIAGO, Maria do Carmo Tafuri. **Viçosa, mudanças socioculturais: evolução histórica e tendências**. Viçosa, MG: UFV, 1990.

PANIAGO, Maria do Carmo Tafuri. **Viçosa: retratos de uma cidade**. São Paulo: Scortecci, 2001.

PARK, Robert Ezra. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: Octávio Velho (org.) **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973

PEIRANO, Mariza. Etnografia, ou a teoria vivida. **Ponto Urbe [Online]**, 2 | 2008.

PERROT, Michelle. **O gênero da cidade**. História e Perspectivas, Uberlândia (50), 2014.

ROLNIK, Raquel. Territórios Negros nas Cidades Brasileiras: etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro. In: SANTOS, R. E. **Diversidade, espaço e relações étnico-raciais: o negro na geografia do Brasil**. Autêntica, 2007. p.75-90.

ROLNIK, Suely Belinha. **Cartografia sentimental da América: produção do desejo na era da cultura industrial**. 1987. 250 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1987.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. Vol. 3. São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. Vol. 8. Edusp, 2007.

SANTOS, Renato Emerson dos (org.). Sobre espacialidades das relações raciais: raça, racialidade e racismo no espaço urbano. In: SANTOS, R. E. **Questões urbanas e racismo**. Brasília: ABPN, 2012.

SENNETT, Richard. **O Declínio do Homem Público**: as tiranias da intimidade. Tradução: Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1999

SILVA, Joseli Maria. Gênero e sexualidade na análise do espaço urbano. **GEOSUL**, Florianópolis, v.22, n.44, p.117-134, jul./dez. 2007.

SILVA, Medelin Lourena da. **Expansão da Cidade de Viçosa (MG)**: a Dinâmica Centro-periferia. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de pós-graduação em Geografia. Universidade Federal do Espírito Santo, 2014.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In Octávio Velho (org.) **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, 1903, p. 577-591.

URIARTE, Urpi Montoya. O que é fazer etnografia para os antropólogos. **Ponto Urbe**, 11. 2012.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Zahar, 1987.

XISTO, William Moreira. **A praça Silviano Brandão, Viçosa-mg**: usos e apropriações. Monografia (Bacharel em Geografia), Departamento de Geografia: Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, 2017